



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru



**FUTEBOL UNIVERSITÁRIO PRATICADO POR MULHERES:
UMA ANÁLISE A PARTIR DO PONTO DE VISTA DELAS**

RENAN BISPO DOS SANTOS SILVA

**Bauru
2022**

RENAN BISPO DOS SANTOS SILVA

**FUTEBOL UNIVERSITÁRIO PRATICADO POR MULHERES:
UMA ANÁLISE A PARTIR DO PONTO DE VISTA DELAS**

ORIENTADORA: PROF^a. DRA. LILIAN APARECIDA FERREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Bauru – como um dos requisitos para a conclusão do curso de Bacharelado em Educação Física

**Bauru
2022**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela bênção em terminar mais uma graduação e pela conquista de mais uma etapa em minha vida.

À minha mãe Maria José Bispo e ao pai Moises Francisco da Silva pelo grande amor (vocês são meus heróis), ao meu irmão Rafael Bispo pelo apoio imensurável, a minha cunhada Tatiane por seus conselhos e sobrinhas, Ester e Micaela pela grande alegria. Amo vocês!

Aos meus avôs maternos, Aureliano e Regina, e paternos José e Maria. A minha noiva Marília, com quem compartilho alegrias desde o início da graduação. A todos os membros da PIB por suas orações!

Aos amigos de Francisco Morato, Felipe, Bruno, sr. Carlos e dona Irene, Amaral, Hiago, Gabi, Raul, Geovanna, Gustavo, Carlos, Valério, Lavag, Circa, Ederson, Mezalira, Igor, Iago e primo Vinicius. Aos amigos que Bauru me deu, em especial Pedro, Chorão, Matias, Antonio, Julia, Naim, Vitor Verona, Santiago, Luiz Gustavo (Drone), Camila, Paulo, Yuri e Henrique.

Meus sinceros agradecimentos a cada professor que passou por minha vida, por cada aula ministrada, pela atenção e carinho desde o Ensino Básico nas escolas: E.M. Graciliano Ramos, E.E. Dr. Francisco Morato, E.E. Bueno de Azevedo Filho e E.E. Rogerio Levorin, Superior na Unesp Bauru, desta, fica também meu grande abraço a todos os funcionários do Departamento de Educação Física. Ao profº Everton Alemão e Carlos Rogério Thiengo, referências em futsal e futebol. Aos membros da comissão técnica, Álvaro Teixeira “Pipe” e João Camarinha “Sasha” pela parceria nos treinos e jogos.

A quem abrange este estudo, meus agradecimentos a todas às mulheres do Futsal Feminino pelo primeiro contato com o esporte universitário, juntamente com todas às mulheres da primeira equipe de Futebol de Campo Feminino formada em 2019 e já conquistando o título do Inter Unesp. Em especial, meus sinceros agradecimentos a Dr. Helena Maria Salla e Maria Eduarda Delfino, estas que há anos vinham discutindo e planejando, junto de demais universitárias de outros campus, a criação e implementação da modalidade do futebol de mulheres.

RESUMO

Os enfrentamentos sociais para as mulheres remontam a uma série de questões que vão desde oportunidades de emprego, reconhecimento da competência, justiça salarial, desrespeito e violência, dentre tantos outros. No esporte a situação não é diferente, trazendo resquícios que resvalam na universidade, instituição na qual, pensaríamos hoje, que as dificuldades das mulheres já estariam quase imperceptíveis. Neste sentido, o objetivo deste estudo foi compreender de que forma o esporte universitário, mais especificamente a prática do futebol, foi se constituindo na vida esportiva das universitárias, ou seja, nos círculos de amizade, na prática com demais mulheres, nas experiências e apoios, nas sensações e nas percepções de integrarem a primeira equipe universitária e poderem disputar uma competição universitária. A pesquisa se pautou pela abordagem qualitativa, fazendo uso da entrevista para coletar os dados. Participaram do estudo 9 universitárias que integravam a equipe de futebol de mulheres de uma instituição pública de ensino do estado de São Paulo. Os resultados foram organizados em quatro categorias de análise: 1. Escola e família: o pontapé inicial - A escola e a família revelaram-se como oportunidades/incentivadores das experiências primeiras com o esporte. Todavia, nestes campos, foram expressas situações de preconceito e estereótipos, dando o caráter ambíguo para estes espaços que podem potencializar a prática esportiva, mas também, afastar as mulheres dela; 2. Universidade – O cenário universitário se mostrou como agregador, fortalecendo o grupo e se transformando numa potente influenciadora das mulheres que iam chegando, dando mais vigor para as lutas que buscavam vencer; 3. Legado: marcas históricas - Universitárias com o compromisso em deixar um legado da experiência que vivenciaram ao lutar pela inclusão das mulheres no futebol e da inclusão deste nos jogos da universidade; 4. A visibilidade, é visível? - As universitárias reconhecem que as mídias têm um papel fundamental para colaborar com a visibilidade do futebol de mulheres, porém, são, de modo mais enfático, as mídias alternativas que vem fazendo esse papel. Tais achados salientam o desafio ainda enfrentado pelas mulheres no âmbito universitário, sobretudo na prática do futebol, todavia, revela mudanças de comportamentos e atitudes significativas e que já vem trazendo bons frutos para a conquista deste espaço por parte delas.

Palavras chave: Gênero, Esportes Universitários, Mulher.

ABSTRACT

Social confrontations for women go back to a series of issues ranging from job opportunities, recognition of competence, fair wages, disrespect and violence, among many others. In sports, the situation is no different, bringing remnants that slip into the university, an institution in which, we would think today, that women's difficulties would already be almost imperceptible. In this sense, the objective of this study was to understand how university sport, more specifically the practice of football, was constituted in the sporting life of university students, that is, in friendship circles, in practice with other women, in experiences and support. , in the sensations and perceptions of being part of the first university team and being able to compete in a university competition. The research was guided by the qualitative approach, making use of the interview to collect the data. The study included 9 university students who were part of the women's soccer team of a public educational institution in the state of São Paulo. The results were organized into four categories of analysis: 1. School and family: the kick-off - School and family proved to be opportunities/encouragers for early experiences with sport. However, in these fields, situations of prejudice and stereotypes were expressed, giving an ambiguous character to these spaces that can enhance the practice of sports, but also keep women away from it; 2. University – The university scenario proved to be an aggregator, strengthening the group and becoming a powerful influencer of the women who were arriving, giving more vigor to the struggles they sought to win; 3. Legacy: historical marks - University with a commitment to leave a legacy of the experience they lived in fighting for the inclusion of women in football and its inclusion in university games; 4. Is visibility visible? - The university students recognize that the media have a fundamental role in contributing to the visibility of women's football, however, it is, more emphatically, the alternative media that have been playing this role. Such findings highlight the challenge still faced by women in the university environment, especially in the practice of football, however, it reveals significant changes in behavior and attitudes that have already been bearing good results for them to conquer this space.

Keywords: Gender, University Sports, Woman.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1	11
ESPORTE E GÊNERO	11
1.1 O esporte e as mulheres	11
CAPÍTULO 2	21
FUTEBOL PRATICADO POR MULHERES: DO INÍCIO À UNIVERSIDADE	21
2.1 Primórdios do futebol no Brasil	21
2.2 As mulheres e as práticas esportivas: destaque para o futebol	22
2.3 Mulheres “de escanteio”: preconceitos que as afastam dos esportes	26
2.4 O esporte universitário e a presença feminina	29
CAPÍTULO 3	34
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	34
3.1 Aspectos gerais	34
3.2 Técnica de coleta de dados	35
3.3 Participantes do estudo	36
3.4 Análise dos dados	37
CAPÍTULO 4	38
TRAJETÓRIA ESPORTIVA DAS UNIVERSITÁRIAS	38
4.1 Escola e Família: o ponta pé inicial	38
4.2 A Universidade	44
4.3 Legado: marcas históricas	48
4.4 A visibilidade, é visível?	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	62
APÊNDICE	66

INTRODUÇÃO

Este estudo partiu das experiências que o futebol me proporcionou. Como status de paixão nacional na vida de brasileiras/brasileiros, o Futebol, em minhas vivências, não foi diferente, jogando desde os 8 anos de idade. Comecei a jogar em campos irregulares de terra, com buracos e pedras, até a adolescência, tendo a oportunidade de jogar em estádios como o Alfredo de Castilho, Doutor Hermínio Ometto e Benito Agnelo Castellano. Tornar-se jogador profissional foi, desde o início, o meu desejo.

Dos 16 para 17 anos, idade na qual muitos já estão próximos ou com contratos profissionais, por conta de uma lesão, optei por dedicar todo meu tempo aos estudos, o que foi recompensado com a aprovação no vestibular.

Ao entrar na universidade, o futebol nunca foi deixado de lado. Dei início à graduação em 2016, ficando até 2018 no projeto de extensão “Futebol Escola”, coordenado pelo professor Júlio Wilson. Quase no final do curso, aos 45 minutos do segundo tempo, fim de 2018, estagiei na Ginga Escola de Futebol, coordenada pelo professor Carlos Rogério Thiengo. Em 2019 foi um ano corrido, mas de muita alegria, pois comecei a atuar como professor pelo Athena Futsal junto com o professor Paulo Neto, mesmo ano em que fui auxiliar técnico no futsal feminino da Unesp Bauru junto com o professor Everton “Alemão”, assim como ter tido a oportunidade de ser treinador do primeiro time de futebol de campo feminino da Unesp Bauru. Isso se deu por meio do convite de duas mulheres excepcionais, Maria Eduarda “Duda” que já fora vice-presidente da Associação Atlética Acadêmica (A.A.A) e Helena Salla “Lena”, que foi presidente da A.A.A. Em 2020, ano que daria continuidade a equipe, após a disputa e conquista do primeiro Inter (competição que reúne os vários *campi* da UNESP de todo o estado de São Paulo), veio a pandemia da Covid-19 e nos afastou dos gramados, comprometendo a construção de novas amizades e de dar continuidade ao trabalho com a equipe. No ano de 2021, fui abraçado por um lindo projeto na cidade de São Paulo, idealizado pelo professor Mario Guerra, em conjunto com o professor Alessandro “Sandrinho”, a professora Amanda,e

posteriormente o professor Mancha, envolvendo um grupo de 25 meninas de 14 a 17 anos.

Já sabemos que o futebol é um esporte praticado por uma grande massa brasileira, seja nas ruas, campinhos de terra, várzeas, gramados, quadras sintéticas ou qualquer espaço possível para um jogo de cooperação/oposição com uma bola e traves improvisadas ou bem elaboradas.

Em minhas memórias nessa trajetória com o futebol, cheguei a jogar com apenas duas mulheres, tendo visto poucos jogos profissionais ou práticas de lazer com futebol nos quais elas estivessem envolvidas. Tal fato virou um incômodo para mim e persistiu no sentido de me mobilizar a tentar entender os motivos pelos quais não via meninas e mulheres jogando nos espaços esportivos da minha cidade e de todas as cidades que passei como atleta.

Com meu ingresso no curso de graduação em Educação Física, pesquisando mais sobre o futebol de mulheres nacional, meu incômodo vivido anos atrás chegou ao ápice. A partir de pesquisas sobre história e conversas com mulheres praticantes do futsal que passei a me dar conta das consequências que ideologias preconceituosas causaram, e ainda causam, sobre o futebol de mulheres nacional.

Deste cenário, fui me tornando uma pessoa cada dia mais curiosa neste campo e desejosa por fazer um movimento que buscasse incluir as mulheres no futebol. Daí que, em 2019, trabalhando com o futebol de campo junto com mulheres universitárias foi que eu pude aprender, muito mais que ensinar.

A experiência de estar à frente de um projeto novo em relação às demais modalidades já presentes no escopo universitário há anos, me mostrou que só a existência da modalidade, mesmo com o seu início de forma gradual e, por isso, com um pequeno número de praticantes, já fortalecia e incentivava quem havia acabado de chegar à universidade e quem estava prestes a se formar.

As experiências que vivi com o futsal e o futebol como atleta na base, na graduação com projetos, nas escolas de futebol e nos estudos técnicos e táticos, foram determinantes para o planejamento dos treinos e as noções básicas para o seu ensino.

Por ser um “novo esporte” no âmbito universitário e um grupo descrito pelas atletas como acolhedor, para que todas tivessem o mesmo ambiente de aprendizagem, no primeiro momento foi, necessário entender e conhecer o

grupo, muito pelo fato de que, em todos os treinos, sempre chegava uma nova universitária para dar início à prática. Foi neste sentido que elaborei a divisão do grupo a partir de três categorias: i) atletas que vieram direto da equipe de futsal da universidade; ii) atletas que praticavam outras modalidades na universidade, seja esportes de invasão ou não, coletivos ou individuais (handebol, vôlei, atletismo e natação), e mulheres que, em algum momento na vida, jogaram futebol/futsal; e iii) aquelas que nunca jogaram, tendo o primeiro contato na universidade. Com isso, por meio dos pequenos e médios jogos, do jogo contextual (11x11, regras, etc.), dos exercícios de fundamentos técnicos, foi possível traçar um caminho para os planejamentos. Outro fator de grande importância dentro deste trabalho foi a busca pelo conhecimento histórico das mulheres em relação ao esporte, mais especificamente no futebol, o que foi fundamental para determinadas abordagens, ou seja, entender que nem todas tiveram práticas, condições, estruturas e apoios iguais. No entanto, a evolução das praticantes e minha pessoal, não seria possível apenas conhecendo o grupo ou estudando sobre metodologias de treinamento, mas sim com a existência de uma via de mão dupla em que tudo e todas/todos estavam aprendendo ao mesmo tempo que ensinando, a partir de suas experiências.

Com base neste breve memorial pessoal, a pesquisa que aqui se apresenta está voltada para compreender, a partir dos pontos de vista das universitárias, as histórias de enfrentamentos e conquistas no âmbito da prática do futebol por mulheres.

Neste sentido, buscamos compreender de que forma o esporte universitário, mais especificamente a prática do futebol, foi se constituindo na vida esportiva das universitárias, ou seja, nos círculos de amizade, na prática com demais mulheres, nas experiências e apoios, nas sensações e nas percepções de integrarem a primeira equipe universitária e poderem disputar O Inter, competição que reúne os campi da Unesp em uma cidade sede. No ano de 2019 a competição foi realizada na cidade de São José dos Campos nos dias 12, 13, 14 e 15 de novembro, sendo o futebol de mulheres estreante na competição como modalidade teste. Além de Bauru, também participaram os campi de Presidente Prudente, Rio Claro, Rio Preto e Araraquara. A estreia na competição foi contra Presidente Prudente, partida empatada no tempo normal por 1x1, e vencida nos pênaltis por 3x1. A semifinal foi contra a equipe de Rio

Preto, vencida pelo placar de 3x0. A final foi contra a equipe de Rio Claro, também vencida pelo placar de 3x0, com Bauru consagrando-se a equipe campeã da primeira participação do Inter. No início do ano de 2020 fomos informadas/os de que a equipe teria sido convidada a participar e competir nos Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) a serem realizados na cidade de São Paulo, mas cancelado pela pandemia da Covid-19.

Esperamos que o estudo possa contribuir trazendo reflexões para os profissionais da Educação Física no sentido de que as oportunidades esportivas, em especial junto ao futebol, possam ser reconfiguradas na educação escolar, nas escolinhas de esporte, nos espaços de lazer, nas equipes de treinamentos e no esporte de alto rendimento, sendo balizadas pela democracia e pela justiça social.

Desejamos contribuir também para o meio acadêmico, tanto na produção de conhecimento quanto na reflexão crítica dos preconceitos e estereótipos que alimentam o cenário de exclusão das mulheres dos vários lugares da vida social.

O texto que aqui se apresenta foi organizado em capítulos. O capítulo 1 direciona o assunto ao processo histórico esportivo das mulheres. Nele debatemos sobre atletas, treinadoras e equipes que estão na história do esporte como pioneiras em competições, títulos e causas, e a relação esportiva com o gênero feminino.

No capítulo 2, abordamos o meio esportivo relacionado com o gênero, sendo ele subdividido em três partes: o que se conhece sobre a prática do futebol, ou seja, sua chegada no Brasil; o envolvimento e a exclusão das mulheres dentro da modalidade; e a presença feminina em esportes universitários.

A trajetória metodológica, temática do capítulo 3, revela como foi feita a pesquisa, tendo sua base na pesquisa qualitativa com a utilização da entrevista semiestruturadas como técnica de coleta de dados e com o envolvimento da plataforma de videochamadas, o Google Meet para a gravação da entrevista, estas que foram salvas no Google Drive. Fechando o capítulo encontra-se um quadro com o perfil das entrevistadas.

CAPÍTULO 1

ESPORTE E GÊNERO

Façamos uma busca na memória sobre nossas vivências e experiências infantis, nas ruas, praças, parques, campinhos ou clubes, a partir das brincadeiras e jogos, tentando nos lembrar de frases que já ouvimos: "chuta que nem homem", "você bate que nem mocinha", "lá vai a maria macho", "bola é para menino e boneca para menina", "1x0 para o time masculino!".

São frases como estas que, muitas vezes, passam despercebidas para quem está jogando ou brincando, mas que dizem muito sobre o estado das meninas e mulheres nas práticas esportivas. Estas manifestações as excluem ou as colocam em lugares inferiores, mais fracos e dos menos habilidosos. O contrário é o que se projeta em meninos e homens, no que diz respeito às práticas físico-esportivas, seja na iniciação ou no alto rendimento. Altmann (2015) ao fazer sua intervenção na escola, relata que a não participação dos meninos nas "brigas de brincadeira" era motivo de "[...] ser considerado fraco e, como consequência, homossexual" (ALTMANN, 2015, p. 120).

A construção de uma cultura infantil com essa influência, imersa em falas e expressões separatistas e excludentes, tendem a alimentar comportamentos semelhantes na vida adulta, perpetuando tais ações e atitudes como se elas fossem naturais. Expressões desse tipo corroboram com o que Kessler (2012) relata como sendo "[...] para eles: atributos ditos viris; para elas, atividade sexual e beleza" (KESSLER, 2012, p. 240).

Antes de tratarmos sobre futebol e as mulheres no Brasil, é necessário introduzir como o esporte foi se constituindo.

1.1 O esporte e as mulheres

Reis e Escher (citado por SOUZA JÚNIOR, 2013) retratam a Inglaterra como o país em que o futebol e outros esportes foram apresentados e desenvolvidos em todas as partes do mundo no final do século XIX para início do século XX. Desde o princípio da criação do futebol, seja ele praticado pela classe elitizada ou pela trabalhadora, fora considerado, e assim se manteve,

como prática masculina. Isso, pelos ideais patriarcais da época, deixavam as mulheres fora deste meio esportivo (SOUZA JÚNIOR, 2013).

Adentrando a segunda década do século XX, período que no Brasil já estavam sendo criados alguns clubes, inicia-se a I Guerra Mundial, o que acabou exigindo a ida de adolescentes, jovens e adultos de todas as idades para as frentes de batalha. Com isso, as mulheres passam a fazer parte da mão de obra em fábricas de armamentos para municiar os soldados na guerra, e com essa proximidade com o trabalho industrial abre-se uma oportunidade para que elas tenham se aproximado do futebol, o que fora negado décadas atrás (SOUZA JUNIOR, 2013).

Com essa aproximação das mulheres ao futebol, Newsham (citada por SOUZA JÚNIOR, 2013) comenta que a partir do momento que as mulheres entraram para o meio industrial, o governo incentivou-as a praticar esportes para um bem-estar físico e trabalho em equipe, o que estimulou a formação de algumas equipes de futebol formadas por mulheres, uma delas, o *Dick, Kerr Ladies* (DKL), que surgiu com o objetivo de angariar fundos para as caridades instaladas no país e auxiliar famílias que foram acometidas pela guerra. A autora comenta que o sucesso de um evento de Natal e o levantamento de recursos para famílias que foram acometidas pela guerra fizeram o DKL ter ainda mais sucesso, incentivando a criação de outras equipes formadas por mulheres de indústrias espalhadas pelo país, sendo uma das equipes pioneiras a participar dos primeiros jogos noturnos em grandes estádios da Inglaterra, chegando a registrar uma marca de público de cerca de 53 mil pessoas. (NEWSHAM citada por SOUZA JUNIOR, 2013).

O sucesso do DKL parecia caminhar por trajetos de esperança para uma difusão das mulheres no meio esportivo, e mais precisamente no futebol, em um dos países que foi precursor nos esportes, para que os pensamentos patriarcais da época fossem quebrados. Negativo! Segundo Newsham (citada por SOUZA JUNIOR, 2013) sempre houve um incômodo pelo sucesso das mulheres na prática que antes era considerada majoritariamente masculina, o que fez com que a Football Association (FA), órgão regulador do futebol inglês, criasse barreiras para que as mulheres não continuassem a fazer sucesso com uma enorme ampliação de público no Reino Unido. Para isso, a FA articulou argumentos usados como justificativas para as equipes, tais como:

[...] o fato de que elas estavam atraindo muito mais espectadores que os homens. Para legitimar essa insatisfação, buscou-se juntar opiniões de profissionais ligados à área de saúde que alegavam os riscos que a prática do futebol acarretaria às mulheres, como os comprometimentos em relação à sua fertilidade. [...] Eram feitas insinuações de que as despesas com os jogos consumiam muito além do necessário, desviando valores que deveriam ser destinados à caridade. (NEWSHAM citada por SOUZA JUNIOR, 2013, p. 71-72).

Mesmo tendo o apoio de muitas/muitos espectadores e diretores de fábricas em que foram formados as equipes, com seus anos iniciais de glória, incentivo para que se houvesse a criação de mais equipes de mulheres e suas expedições pelo país para angariar recursos devido a guerra, a quantidade de partidas nos anos seguintes foram sendo cada vez mais raras e o DKL decretou seu fim em 1965 (SOUZA JUNIOR, 2013, p. 75).

Observando a história de uma equipe de mulheres em meio a época vivida, podemos entender que mesmo com todas as barreiras e justificativas implausíveis daqueles que eram contrários ao sucesso cada vez maior delas, os objetivos de buscar recursos para a caridade, incentivo a formação de mais equipes de mulheres, o DKL permaneceu atuando com os mesmos ideais até meados de 1960. Podemos entender que a FA, além de buscar justificativas incabíveis e de acusação para barrar as mulheres de estarem presentes nas práticas esportivas, a sociedade da época era conivente com os ideias de que as práticas esportivas não eram adequadas e compatíveis para com às mulheres, o que podemos encontrar no trecho de Dunning (citado por SOUZA JUNIOR, 2013, p. 91):

[...] constatam que o esporte como atividade de lazer daquela sociedade possui uma importância considerável na formação da identidade e dos hábitos dos homens em especial, que sofrem pressões para praticar esportes, sob o risco de serem categorizados como anormais, afeminados ou homossexuais caso demonstrem um desinteresse por estes. Em contrapartida, existe uma tendência de se categorizar as mulheres esportistas como lésbicas ou “machonas”, o que contribuiu significativamente para o afastamento da mulher dessa prática social.

No Brasil, Goellner (2005) e Kessler (2012) retratam que a prática de atividades corporais com a participação de mulheres, vem desde o século XIX, período onde os meios de participação esportiva de mulheres era negado pela

ideia tradicional da sociedade de que serviam para ser mães, cuidar do lar e serem esposas. Com o crescimento industrial, econômico e urbano, começa-se a ter mudanças contemporâneas da mulher ocidental consumidora, mas sem igualdade em relação ao acesso de oportunidades, muitas delas esportivas (GOELLNER, 2005; KESSLER, 2012), o que também se alinha aos achados de Mourão (2000), ou seja, para as mulheres era dever investir todas as suas energias unicamente na reprodução, portanto, se as mulheres se dedicassem aos esforços físicos e intelectuais, estas práticas as deixariam fracas e inférteis, danificando as gerações seguintes. Com isso, Furlan e Santos (2008) e Mourão (2000) relatam que na época, a prática de atividades físicas vigorosa, deveria ser revista e adaptada para que se desenvolvesse uma mãe reprodutora e forte, deixando gerações mais fortes, com uma educação corporal para o desenvolvimento de uma nação e prole saudável (FURLAN; SANTOS, 2008; MOURÃO, 2000).

Neste pequeno recorte histórico, podemos observar que, o reconhecimento do vigor físico para as mulheres no Brasil, num primeiro momento, fora negado, alegando que seria prejudicial para o que julgavam ser sua única função, a de reprodução, mas após colocar justamente essa função única, a prática de atividades físicas se faria importante para que se tivesse uma geração futura saudável e forte. Tal perspectiva é alinhada ao que identificou Mourão (2000):

[...] um discurso hegemônico, repetitivo e lento, que só veio a pensar a possibilidade da prática de exercícios pelas mulheres a partir de uma visão biológica do corpo feminino, onde se cristalizou a maternidade no papel de reprodutora. (MOURÃO, 2000, p. 12).

Vemos que para as mulheres, as práticas de atividade física foram destituídas levando como justificativa seus deveres de reprodução em uma época patriarcal, e que cogitou o incentivo de exercícios físicos, tomando primeiramente o corpo da mulher como uma fábrica reprodutora de uma nação saudável e forte. No entanto, Mourão (2000) e Goellner (2005) concordam que nem todas as práticas esportivas eram apropriadas, sendo que nas décadas iniciais ao século XX a mulher foi rotulada à não estar presente e praticando atividades de contato, argumento sustentado com a afirmação de que a natureza

dos corpos femininos eram frágeis (MOURÃO, 2000; GOELLNER, 2005). Isso acarretou no impedimento de praticarem as modalidades esportivas que as "masculinizaram", como por exemplo, as lutas, futebol e o halterofilismo (GOELLNER, 2020).

Melo (citado por SOUZA JUNIOR, 2013) enfatiza a aproximação das mulheres pelo remo e o turfe, modalidades que, pelo fato delas estarem sempre acompanhando seus pais ou maridos, acabaram adentrando neste espaço de lazer, que segundo o autor seria o ambiente em que eram exibidos seu vestidos e para que a elite flertasse na busca de partidos para matrimônios. Mourão (2000) vai ao encontro do que fora citado, observando de que forma os espaços esportivos e de lazer eram conquistados pelas mulheres, de forma que:

Não houve, na história da emancipação esportiva da mulher brasileira, confrontos, lutas por espaço, e sim um processo lento de infiltração, que se consolida na prática e no exercício da interação, frequentemente com apoio velado ou aberto dos homens mais esclarecidos da sociedade, mas com um controle normativo que insere a mulher nesta prática sem possibilitar-lhe uma emancipação para a prática de atividades físico-desportivas. (MOURÃO, 2000, p. 8)

A persistência de que esportes considerados mais fortes e de que as mulheres não deveriam praticá-los, pois elas deveriam cultivar seus atributos femininos, maternais e conjugais, e de que o esporte é associado a imagem da masculinidade, da força, violência e vitória (FURLAN ; SANTOS, 2008), fez com que em 1941 o antigo Conselho Nacional de Desportos (CND), e por influência de alguns ditos especialistas, que eram contrários a prática de esportes de confronto para as mulheres, determinassem a instituição da lei de nº 3.199 em que impedia que as mulheres praticassem determinadas modalidades esportivas de forte contato (MOURÃO, 2000; GOELLNER, 2020). A referida lei, diz no seu artigo 54 que as práticas esportivas eram incompatíveis com as mulheres, não sendo permitida sua participação.

O entendimento de Furlan e Santos (2008) corroboram com o que a lei previa, destacando o estabelecimento de uma normativa que fortalecia as desigualdades:

É no campo social que se constroem e se reproduzem as relações desiguais entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisam ser buscadas nos arranjos sociais, na história, nas condições

de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação e não nas diferenças biológicas. (FURLAN; SANTOS, 2008, p. 31)

A lei surge para minimizar o temor de que o ambiente e o domínio masculino fossem tomados pelas mulheres e de que, com a prática esportiva, a sudorese, os músculos fortalecidos, gestos delineados, rivalidades e seminudez, características da cultura física masculina, despertariam suspeitas sobre a sua feminilidade (GOELLNER, 2005), o que as colocou como inferiores no que diz respeito ao desempenho esportivo, erotizando e objetificando seu corpos (CAMARGO; KESSLER, 2017). Em continuação, Camargo e Kessler (2017) entendem que a excelência da performance é entendida como masculina, e as mulheres que buscam alcançar seu padrão de excelência, sofrem preconceitos físicos, sociais e, muitas vezes, em respeito a sua sexualidade, o que mostra como os tratamentos são tão diferentes entre gêneros, não somente no quesito financeiro, mas da forma como as mulheres são tratadas no meio esportivo (CAMARGO; KESSLER, 2017).

Voltando a um recorte histórico, podemos perceber semelhanças de exclusão e participação vigiada das mulheres europeias e brasileiras, e uma delas pode ser observada a partir do trecho de Furlan e Santos (2008, p. 32):

O gênero, ao enfatizar o caráter fundamentalmente social das divisões baseadas no sexo, possibilita perceber as representações e apresentações das diferenças sexuais. Imbricadas nas diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres estão outras social e culturalmente construídas.

As autoras ainda complementam, a partir do que Louro (citada por FURLAN; SANTOS, 2008), que a segregação social e política pelas quais às mulheres foram acometidas historicamente, teve como um dos principais resultados a invisibilidade das mulheres como pessoas.

Com o documento instituído e valendo, por ser uma lei e a época vivida, era de se pensar que a mesma seria acatada. Nada disso! Mesmo com o decreto, as mulheres continuaram suas práticas esportivas, sejam elas coletivas ou individuais, o que emergiu para que se criassem competições exclusivas para as mulheres (MOURÃO, 2000; GOELLNER, 2005).

Com o crescimento do número de mulheres adentrando nessas competições, outras mais começaram a fazer parte do corpo de atletas estaduais

ou nacionais, o que as levavam para competições em outras regiões do Brasil e outros continentes, sendo os casos da tenista multicampeã Maria Esther Bueno, das nadadoras campeãs sul-americanas Maria Lenk e Piedade Coutinho, da atleta de saltos ornamentais Mary Dalva Proença, das atletas do atletismo brasileiro, Benedicta Sousa de Oliveira, Elisabeth Clara Muller, Gertrud Ida Morg, Lucila Pini, Melânia Luz dos Santos, Helena Cardoso Menezes, Wanda dos Santos e Aida dos Santos (esta foi a única mulher na delegação brasileira nos Jogos Olímpicos de Tóquio em 1964) (MOURÃO, 2000; GOELLNER, 2005; ALTMANN, 2015).

Goellner (2005) ainda comenta que, dentro da referida lei, Lea Campos também lutou contra normas e barreiras para que pudesse receber o diploma e exercer sua função de árbitra, fato que foi reconhecido pela FIFA apenas em 1971, sendo que ela formou-se em 1967.

Nos anos de 1950, idealizado pelo jornalista Mário Filho da *Jornal dos Sports*, foram iniciados os Jogos da Primavera no Rio de Janeiro, espaço que as mulheres cariocas ocuparam durante 23 anos, ocorrendo a cada setembro com o objetivo principal de propagar a democratização esportiva (MOURÃO, 2000). Observando os cargos de liderança, podemos entender como esse posto foi conquistado pelas mulheres apenas no século XXI com Emily Lima que tornou-se a primeira treinadora da seleção feminina no ano de 2016 e Tatiele Silveira sendo a primeira treinadora a ser campeã Brasileira com a Ferroviária de Araraquara no ano de 2019 (SOUZA JÚNIOR; PEREIRA, 2020).

Acompanhando a trajetória das mulheres no meio esportivo, vemos que as proibições sempre foram para colocá-las em posições de inferioridade aos homens, que mantivessem sua beleza feminina e o ser maternal, o que nos faz concordar com Camargo e Kessler (2017), vendo que o meio esportivo é um ambiente de segregações que são generificadas, estabelecendo quem deve e quem não deve ocupar os lugares.

Depois da revogação da lei que proibia as mulheres de praticarem determinadas modalidades esportivas, fato que ocorreu no fim dos anos 1970, é a vez da mídia ter sua participação nas apresentações e representações de gênero no esporte.

Em meados dos anos 1990, as mulheres eram hipersexualizadas no meio esportivo, o que podemos ter como exemplo a pesquisa de Salvini e Marchi

Junior (2013) ao analisarem as publicações da revista Placar, dividindo o futebol feminino daquelas jogadoras que eram habilidosas, mas julgadas como pouco femininas, das que não tinham tantas habilidades, mas eram belas, esta última divisão conferiu a formação de times com modelos (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2013). Salvini e Marchi Junior (2013) trazem imagens de capas da revista Placar, nas quais as mulheres ali expostas não representavam a realidade do gramados e estádios brasileiros, pelo contrário, o futebol feminino ali era representado por modelos - magras, brancas e altas - trajadas de uniformes com as cores da seleção brasileira, sendo as vestimentas agarradas aos seus corpos, acompanhadas de títulos subjetivos e chamativos destinados ao público masculino.

Indo ao encontro destas propostas das mídias de embelezar o futebol praticado por mulheres, expondo em revistas e jornais, jogadoras - modelos - que não representavam a realidade do futebol, Knijnik e Vasconcelos (2003) destacam o papel da Federação Paulista Futebol (FPF) que, em preocupação com o desenvolvimento do futebol feminino, decidiu promover uma seletiva de atletas para grandes clubes do estado para o retorno do “Paulistana”, uma espécie de campeonato estadual espelhado no Paulistão masculino e, de acordo com uma reportagem, noticiava que o objetivo principal da federação com o campeonato paulista feminino era de embelezamento, para criar vitrine (KNIJNIK E VASCONCELOS, 2003). Não bastasse a ideia de aprovar modelos, os dirigentes tinham critérios, e um deles era o de que aquelas que tivessem cabelo curto ou raspado, não seriam selecionadas (KNIJNIK E VASCONCELOS, 2003). Acompanhando esses recortes midiáticos na “promoção e incentivo” das mulheres nos esportes, os argumentos se tornaram os mesmos, qual seja, a erotização dos corpos femininos, deixando a performance esportiva em segundo plano, usando a beleza como justificativa para se ter mais visibilidade.

Por vezes, estamos sintonizados na televisão em programas esportivos, e neste sentido, podemos fazer mais uma reflexão: Quantas foram, e se é possível contar, as vezes em que vimos nos programas esportivos das emissoras, os gols, melhores momentos, contratações, tática, pontos, cestas, nocautes da semana de mulheres no esporte? São raras as vezes! Poucas vezes nos deparamos com matérias completas nos canais de grandes emissoras que

foquem sobre as mulheres no esporte, com apresentação de elencos, melhores momentos dos jogos da semana, contratações e treinos.

Kessler (2015) reforça que dificilmente vemos na mídia *mainstream* profissionais que se aprofundam, sendo apresentados apenas notícias com os resultados, o que não duram minutos de apresentação. Outros fatos a serem observados são as poucas vezes em que os melhores momentos e os gols são apresentados, bem como passamos a ver matérias completas ou melhor estruturadas, a partir do momento que determinado time está quebrando recordes na competição e é campeão. São essas poucas matérias que nos fazem enxergar o futebol praticado por mulheres e os demais esportes na mídia *mainstream* de acordo com Kessler (2020), fazendo uma analogia às notas de rodapé:

As notas de rodapé são partes do texto que são selecionadas como sendo menos importantes ou apenas complementares ao texto principal. Com letras de tamanho menor, por vezes podem passar despercebidas ou se tornarem desinteressantes. [...] As mulheres no futebol são situadas às margens, assim como as notas de rodapé. Raramente consultadas (KESSLER, 2020, p. 50).

Embora as mídias *mainstream* não deem a atenção devida às práticas esportivas praticadas por mulheres, com a ampliação de outras redes de comunicação, como o *instagram*, *facebook*, *twitter*, *youtube* e *podcasts*, tem surgido nestes últimos anos, diversas fontes de informação independente sobre e para as mulheres dentro de suas modalidades, tais como o Planeta Futebol Feminino, Diário Futebol Feminino, De Primeira Futebol Feminino, SCCP Scouts, Taverna Tricolor, Análise Verdão, Fut das Minas, Onze Minas, Artilheiras em Foco, Dona do Campinho, Empório do Futebol Feminino e Empório do Futsal Feminino, Beta Basket, Base Feminina e Seleção Base Feminina, 9 É a Dela, Das Minas, Elas Jogam, Joga Delas, Elas no Ataque, Sem Barreira - Futebol Feminino, 45 de Acréscimo, Base Palestrina, Dando a Letra, Passa no DM, Alvinegras da Vila, as Dibradoras que noticiam tudo sobre as mulheres no esporte mundial, muitas destas que também discutem tática, análises coletivas e individuais e lives pré/pós jogos. São páginas, sites, *podcasts* de organizadoras e organizadores que dedicam a pesquisar e publicar sobre as mulheres no esporte, algumas sem receber qualquer auxílio, dividindo seu dia entre estar

trabalhando no que lhe dê renda e as publicações sobre as mulheres no esporte nacional e internacional, o que facilitou e ampliou a divulgação e conhecimento das mulheres (KESSLER, 2015).

O que podemos notar aqui é que as mulheres foram sempre ligadas a algo no meio da prática de exercícios físicos e no meio esportivo. Em primeira instância a mulher era enxergada como aquela que deveria cuidar de seu corpo, fortalecendo-o para que as futuras gerações viessem a ser fortes e tornar o país, em desenvolvimento, uma nação potente, o que abriu brechas (mas já estava instalado no pensamento de um país patriarcal) para que as impedisse de praticar determinadas modalidades que tem em seu meio, os fortes contatos corporais. Leis foram estabelecidas, mantendo os pensamentos de que seus corpos foram feitos para serem do lar e reprodutivos, tendo por justificativas que, se presentes em modalidades como as lutas, futebol e rugby, por exemplo, suas feminilidades deixariam de existir e passariam a tornarem-se masculinizadas com suas sexualidades questionadas. Tais representações se alinham a uma das falas feitas por umas das tias de uma jogadora da pesquisa de Moura *et al.* (2010, p. 10): "Mulher que joga futebol é sapatão".

Reconhecemos assim que algumas atletas que estão marcadas na história pela sua participação no meio esportivo e outras em cargos de liderança foram as pioneiras em conquistar espaços majoritariamente ocupados por homens.

Esses retratos das mulheres na história do esporte nos ajudam a entender que sempre existiu uma lenta e gradativa infiltração nas práticas esportivas, sendo apoiadas por quem tinha uma mentalidade mais esclarecida, ou sendo elas por elas (MOURÃO, 2000).

Por fim observamos como as mulheres são tratadas nas mídias *mainstream*, com uma analogia perfeita dos rodapés (KESSLER, 2020) mas que com a dedicação e empenho de mídias independentes, essas mesmas mulheres são reconhecidas (KESSLER, 2015).

No capítulo a seguir, teremos como foco o futebol praticado por mulheres, e nele entenderemos como foi sua construção no cenário nacional, suas principais atletas e suas trajetórias, como o futebol é tratado na base, nas escolas regulares com aulas de Educação Física e como isso se reflete nas mulheres, mais especificamente, aquelas que adentram às universidades.

CAPÍTULO 2

FUTEBOL PRATICADO POR MULHERES: DO INÍCIO À UNIVERSIDADE

Antes mesmo de entender os enfrentamentos das mulheres para a prática de futebol no Brasil (em todos os âmbitos, desde o primeiro contato com o esporte, passando pela prática escolar, a prática por lazer e a chegada no alto rendimento), carregado de preconceitos diversos, voltemos a olhar para a história e, em como, quando e de que forma o futebol chegou e foi desenvolvido no Brasil.

2.1 Primórdios do futebol no Brasil

A origem de corridas e conduções de um objeto esférico tem algumas versões. Pesquisadores discutem que em diversas culturas antigas, podemos ter a ligação do que hoje conhecemos como futebol.

Mills (2005) no livro “*Charles Miller O Pai do Futebol Brasileiro*”, apresenta as possíveis origens do futebol. O autor relata o início na China Antiga com um jogo chamado Tsu-Chu que, após as guerras, os combatentes que venciam as batalhas chutavam as cabeças de seus inimigos. Com o tempo, as cabeças foram substituídas por uma bola de couro revestida de cabelo.

O Japão Antigo também é incluído nessa narrativa com o jogo do Kemari. Tal prática era bem semelhante ao futebol atual.

Já entre os Gregos havia o Episkiros, por volta do século I a.C., com o uso de uma bola feita de bexiga de boi e preenchida com terra ou areia. Este jogo foi incorporado também pelos romanos ao invadirem a Grécia, agregando-o às suas práticas culturais, mas de forma mais violenta.

Na Idade Média, o Soule ou Harpastum era praticado por militares.

No século XVII, o futebol (ou o que tentou ser) chega à Inglaterra, sendo organizado com um código de regras (MILLS, 2005). A ideia de correr atrás de uma bola foi substituída por um confronto entre duas equipes formadas por número igual de praticantes, em um terreno retangular, com objetivo de levar o objeto esférico para um alvo.

Após todas essas possibilidades que abrem o processo para se discutir as origens do futebol, a mais conhecida, de acordo com Mills (2005) é a de que sua origem foi uma produção inglesa, ganhando eco e reforço pelo fato de colonização em várias partes do mundo, o que contribuiu para a difusão desse jogo que, posteriormente, foi denominado de esporte. O Brasil não ficou indiferente a essa influência.

Para Mills (2005), a chegada do futebol no Brasil tem íntima relação com a construção da estrada de ferro no Estado de São Paulo, que à época, fora considerada uma das maravilhas do mundo da construção ferroviária, sendo uma das responsáveis, não apenas pelo transporte de café do interior do estado para os portos do litoral, mas também pelo transporte de imigrantes, dentre eles, italianos e ingleses.

Em 1884, retornando da Inglaterra após sua partida para estudos, o considerado pai do futebol no Brasil, Charles Miller, nascido em solo brasileiro, traz consigo um livro de regras, duas bolas de capotão e um par de chuteiras (MILLS, 2005).

Desde o fim do século XIX até os dias de hoje, o futebol esteve e está presente no cotidiano da população brasileira, seja jogando aos finais de semana em campos de várzea, na rua, no quintal, ouvindo rádio, assistindo à televisão, discutindo em mesas ou indo aos estádios.

A partir desta breve história do surgimento do futebol e sua chegada no Brasil, voltemos nosso olhar para a participação das mulheres nas práticas esportivas.

2.2 As mulheres e as práticas esportivas: destaque para o futebol

No começo do século XX, as práticas corporais eram vistas unicamente para o fortalecimento do corpo, de modo que a mulher tivesse uma maternidade saudável e gerasse uma prole forte (GOELLNER, 2005; FURLAN; SANTOS, 2008). Isso nos ajuda a entender o início das tentativas de controlar os corpos e os ambientes em que o objetivo era limitar a presença feminina.

Com os avanços da modernização mundial, Goellner (2005) ressalta que não foi diferente por aqui, havendo uma crescente busca por práticas esportivas, o que gerou a criação de clubes, associações e federações, e as mulheres não

ficaram de fora, estando presentes em algumas dessas como praticantes ou como espectadoras (GOELLNER, 2005).

A partir da modernização, as práticas esportivas e a busca por uma melhor qualidade de vida de forma saudável, muitas mulheres se sentiram incentivadas para tal, ainda que se confrontaram com uma situação de ambiguidade com relação a esta participação por causa da utilização de roupas esportivas e da exibição dos seus corpos. A esportivização feminina era vista como “desonra e prostituição”, sobretudo pela elite brasileira (GOELLNER, 2005). Existia aí uma dicotomia gerada pela relação entre ter um corpo feminino saudável e ser julgada como vulgar.

Dando um grande salto na história, outra associação feminina da mulher com o futebol foi marcada pela erotização dos corpos femininos (GOELLNER, 2005; FURLAN; SANTOS, 2008). Fato já narrado no capítulo anterior, sobre a elaboração do Paulistana, torneio de clubes paulistas que tinha por objetivo selecionar modelos, e não jogadoras, para chamar atenção do público masculino (KNIJNIK; VASCONCELOS, 2003).

Na análise desses fragmentos históricos, podemos enxergar como a sociedade vem colocando empecilhos e acessando justificativas para delimitar a presença das mulheres no esporte, alimentando discursos como: “o corpo delas é incompatível com algumas práticas esportivas”, “as praticantes de esporte desonram suas famílias”, “opiniões alheias a sua sexualidade”, dentre outros comentários carregados de um viés preconceituoso. Isso continua presente em nosso cotidiano, mesmo após o fim da lei de 1941, que proibia às mulheres da prática do desporto, por julgarem que seus corpos não eram compatíveis para tal.

No início do século XX, a participação das mulheres no futebol, mesmo com as modernizações vindas por culturas estrangeiras, foi menor do que a participação de homens. De acordo com Goellner (2005, p. 147), “[...] os decretos oficiais de interdição a determinadas modalidades impossibilitaram, por exemplo, que os clubes esportivos investissem em políticas de inclusão das mulheres nos esportes”.

A partir da revogação da lei, no final dos anos 1970, deu-se início a uma nova organização por parte das mulheres, o que gerou a criação de novos times e o interesse de clubes (GOELLNER 2005). Todavia, foi somente em 11 de Abril

de 1983 que a prática do futebol por parte das mulheres foi legalizada e reconhecida pelo Conselho Nacional de Desportos (CND), visualizando o crescimento e o interesses delas em jogar (FURLAN; SANTOS, 2008).

Com isso, algumas equipes de destaque à época e que ficaram marcadas na história foram criadas, uma delas foi o SAAD. Fundado em 1961, pelo empresário Felício José Saad, o clube teve sua origem na grande ABC paulista e, o que chamou a atenção do então empresário foi ver a paixão e rivalidade dos torcedores da Ponte Preta e Guarani, mobilizando seu interesse em montar um clube na grande São Paulo. A equipe feminina foi criada no ano de 1985, dois anos após a legalização da prática do futebol por mulheres, sendo pioneira na luta, principalmente em questões estruturais e econômicas, já que foi a primeira equipe a ter um piso salarial, na época, de 100 dólares para cada atleta. Logo de cara a equipe ganhou importantes títulos por onde disputou e, anos depois, criou sua equipe de base para a formação de atletas jovens que queriam jogar futebol (NEY TERRA, 2006).

No entanto, e como já vimos no decorrer da história dos enfrentamentos para a prática de futebol por mulheres, ao mesmo tempo que o SAAD conquistava títulos, desenvolvia a modalidade e potencializava a paixão de jovens e mulheres pelo futebol, veio a Federação Paulista de Futebol, que não queria registrar a vitoriosa equipe. Este cenário fez com que em 1990 o SAAD se filiasse à Federação de Futebol do Mato Grosso do Sul, de modo a ter vínculo com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e ter o direito de participar de competições nacionais e internacionais de forma oficial (NEY TERRA, 2006).

Outra grande equipe que surgiu quase ao mesmo tempo que o SAAD, foi o Radar, do Rio de Janeiro. De início a equipe era voltada para o futebol de areia, já que nos primórdios da junção entre o Belfort Roxo, do então responsável Eurico Lyra, com o E.C. Radar, o futebol para mulheres era proibido. Apenas no ano de 1982 que a equipe de campo formou-se para ficar marcada na história nacional, conquistando títulos estaduais e nacionais de forma consecutiva por anos. A equipe também foi quem representou o Brasil pelo mundo (início da seleção), participando do torneio experimental na China em 1988, que se tornaria a Copa do Mundo em 1991 (GUIMARÃES, 2016).

Ambas as equipes foram pioneiras não só pelo fato de sua criação em dois dos grandes estados em relação ao futebol, mas pelo fato de que essas

equipes também foram as responsáveis por emprestar suas jogadoras e ser a base da nossa seleção nos primeiros torneios de Copa do Mundo Feminina, sendo a única seleção responsável por representar o Continente Sul-Americano nas Copas da China em 1991, Suécia em 1995 e Estados Unidos em 1999. Atletas lendárias como Meg, Pelezinha, Maria Helena, Sissi, Kátia Cilene, Formiga, Grazielle e Michael Jackson ficaram marcadas na história de SAAD e Radar junto à seleção brasileira de futebol (CBF, 2019).

Enquanto o futebol praticado por homens estava em constante desenvolvimento mundial, a prática por parte das mulheres ainda enfrentava barreiras mesmo estando legalizado após anos de proibição. Martins e Silva (2020) enfatizam que após cerca de 61 anos da realização da primeira Copa do Mundo Masculina, foi realizada oficialmente em 1991 a primeira Copa do Mundo Feminina organizada pela FIFA, visto que em 1988 a mesma fez o torneio mundial, sendo ele experimental (GOELLNER, 2020). No entanto a entidade máxima do futebol demorou um tempo ainda maior para dar atenção ao futebol das mulheres:

A responsabilidade de desenvolver o futebol praticado por meninas e mulheres foi reconhecido oficialmente pela FIFA somente em 2004, ao apontar o futebol de mulheres como um pilar no desenvolvimento mundial da modalidade (FIFA citada por GOELLNER, 2020 p. 32).

Já em ambiente sul-americano era ainda mais grave pelo fato da Confederação Sudamericana de Fútbol (CONMEBOL) ser menor, em termos de ligas de mulheres, em cenário mundial, sendo que apenas no ano de 2016 que foi dada importância ao desenvolvimento de meninas e mulheres no futebol, porém, desde a década de 1990 que a confederação organiza competições (GOELLNER, 2020).

O cenário do futebol de mulheres não só sul-americano, mas mundial, corrobora com os tipos de violência em relação ao futebol de mulheres de acordo com Enny Vieira de Moraes (2014, apud PISANI, 2020) ao entender que:

A primeira trata-se de uma violência simbólica, no que diz respeito ao silenciamento, ao esquecimento e a proibição dessa modalidade entre anos de 1941 e 1979. A segunda é a violência econômica sofrida pelas atletas pela falta de incentivos, investimentos e patrocinadores. E por fim, a terceira, é a violência moral que exige das mulheres praticantes

da modalidade bons resultados [...] mesmo existindo dificuldades estruturais. (MORAIS citada por PISANI, 2020, p. 93-94).

Após esses breves fragmentos históricos sobre as mulheres no futebol, podemos identificar, mais de perto, os efeitos que a proibição da prática do futebol por mulheres desencadeou nos sonhos e expectativas de muitas delas. Cumpre destacar que essa batalha não segue sem luta, mesmo com a revogação da lei, os efeitos desse processo e do preconceito presentes em nossos dias continuam evidenciando ainda inúmeros desafios para a prática feminina do futebol e de outros esportes.

2.3 Mulheres “de escanteio”: preconceitos que as afastam dos esportes

As consequências de uma mentalidade preconceituosa sobre as meninas e mulheres em relação à participação das práticas esportivas contribuiu para que elas fossem (e ainda serem) literalmente colocadas em “escanteio” (MOURÃO, 2000; GOELLNER, 2005; FURLAN; SANTOS, 2008; KESSLER, 2012,).

Neste sentido, utilizaremos o termo “base”, fazendo uma analogia. Base, no esporte, é o departamento que organiza e planeja o desenvolvimento de atletas para futuramente compor a equipe profissional do clube. Assim como qualquer esporte, o primeiro contato está em torno de ambientes como a rua, local onde a criança brinca de forma séria, sem a supervisão de um/uma profissional; em projetos sociais, os quais têm por objetivo promover qualidade de vida e tirar crianças de situações vulneráveis; clubes e escolinhas que são pagas, podendo até oferecer bolsas; e a escola, ambiente no qual a criança tem o contato planejado com a cultura corporal de movimento, com aulas semanais. Dos ambientes citados, olharemos mais de perto para a escola.

Furlan e Santos (2008) abordam que, com a Educação Física nas escolas, o esporte foi introduzido de maneira desigual, ou seja, “[...] as meninas foram tidas como seres frágeis e dóceis, e os meninos dotados de força, dominação e poder, marcas que reiteram a diferença de gênero” (FURLAN; SANTOS, 2008, p. 33). As autoras reforçam tal prerrogativa ao sinalizarem que:

Nas aulas de educação física, os atos de exclusão se reforçam na medida em que o conteúdo central é o esporte, pois sendo conteúdo generificado e generificador, já traz em seu contexto histórico a problematização de gênero reafirmando os preconceitos estabelecidos

em outros tempos, sobre a participação feminina nessas aulas. (FURLAN; SANTOS, 2008, p. 34)

Essa exclusão pelo conteúdo generificado, no caso do futebol nas escolas, tem sua ligação a partir das consequências geradas no decorrer da história, o que Louro (citada por Furlan e Santos, 2008, p. 32) explica ao escrever que “[...] a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas, teve como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito”. Sem o contato com a prática, seja jogando, organizando, arbitrando ou comandando, não se tem o desenvolvimento de possíveis atletas, líderes ou torcedoras.

A escola como um ambiente plural e, especificamente em relação aos esporte nas aulas de Educação Física, tem por objetivo quebrar as barreiras e desnaturalizar crenças preconceituosas em relação à participação de meninas e mulheres no futebol, discutindo e entendendo de forma crítica, as marcas do passado, o emprego de termos como “Maria chuteira” (FURLAN; SANTOS, 2008), ou demais termos depreciativos acerca das mulheres. Goellner (2007) aponta que no meio esportivo:

Para as mulheres, em grande medida, é incentivado viver o espetáculo esportivo desde que não deixe de lado, por exemplo, a graciosidade, a delicadeza e a beleza, atributos colados a uma suposta “essência feminina”. Argumentos como estes operam como mecanismos de exclusão e inclusão em diferentes modalidades esportivas, posicionam as mulheres, demarcam seus espaços de sociabilidade, pois insistem em afirmar que determinadas atividades não são apropriadas aos seus corpos vistos, grosso modo, como de natureza mais frágil que os corpos dos homens (GOELLNER, 2007, p. 185)

As justificativas usadas para que a invisibilidade e exclusão de meninas e mulheres do esporte se apegam às questões biológicas, o que Camargo e Kessler (2017) entendem que deve se pautar pela primeira barreira a ser vencida, antes mesmo de pensarmos em desempenho esportivo. O que é complementado com Furlan e Santos (2008), ao destacarem que:

As dificuldades encontradas pelo futebol feminino estão diretamente ligadas às diferenças dos sexos, pois o corpo feminino acaba sendo culturalmente inadequado para a prática futebolística. Em contrapartida, garotas que se aproximam desta prática se distanciam de um ideal de corpo feminino, sendo muitas vezes questionadas sobre sua sexualidade (FURLAN E SANTOS, 2008, pg. 38)

O futebol é um dos esportes mais praticados e assistidos no mundo, e no Brasil não é diferente. Com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD 2015 (IBGE, 2015), havia um pouco mais de 38 milhões de pessoas com 15 anos ou mais que praticavam algum tipo de esporte. Olhando um apanhado geral dentro dos esportes, os homens se sobressaem com 31,7% em relação aos 16,9% de mulheres. No ano da pesquisa, na amostra observada, o futebol era praticado por cerca de 15 milhões de pessoas, o que equivale a 39% dos 38 milhões de praticantes (IBGE, 2015). Desses 15 milhões de pessoas, a pesquisa evidenciou que os homens correspondiam a 94,5%, e às mulheres a uma pequena fatia de 5,5% (IBGE, 2015).

Corroborando com os dados apresentados pelo IBGE, com base na quantidade de pessoas que praticavam algum tipo de esporte e o percentual de homens e mulheres que relataram praticar futebol, vamos agora olhar mais de perto como essa participação é feita.

No ano de 2019, a *International Football Federation* (FIFA) apresentou um relatório de como era o cenário mundial do futebol praticado por mulheres. Em suas 113 páginas, há uma seção dedicada à apresentação da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), circunscrevendo treinadores/treinadoras licenciados/as, árbitros/árbitras licenciados/as e quantidade de jogadoras registradas. Até o ano da publicação do relatório, no Brasil, havia cerca de 1.368 treinadores licenciados, destes, 15 (1%) eram treinadoras; já para arbitragem, havia cerca de 566, sendo 94 (17%) árbitras (FIFA, 2019). Sobre as jogadoras, havia cerca de 15 mil jogadoras registradas, sendo 2,9 mil adultas, e 475 jovens (FIFA, 2019). Agora, realizando um aprofundamento via relatório e fazendo uma breve comparação com países vizinhos como Argentina e Venezuela, havia respectivamente, 27 mil e 24 mil jogadoras registradas, sendo 6 mil/ 12 mil adultas, e 21 mil/ 11 mil jovens (FIFA, 2019). Tais dados apresentados são alarmantes em relação à população, se comparamos o Brasil com estas duas nações mencionadas. Ao fazer comparações com países que têm populações acima de 100 milhões de habitantes, chegamos aos Estados Unidos da América com 9,5 milhões de jogadoras, Japão com 390 mil e México com 50 mil jogadoras registradas. Já para países com menos de 10 milhões de habitantes, como Áustria, Nova Zelândia e Namíbia, havia, respectivamente, 59 mil jogadoras, 30 mil jogadoras e 20 mil jogadoras registradas (FIFA, 2019).

Analisando as porcentagens de praticantes de futebol a partir dos dados do IBGE, observamos o baixo número de mulheres que praticaram/praticavam a modalidade no país, no entanto, mesmo que os dados sejam importantes para entender os efeitos negativos sobre as mulheres nos esportes, o relatório da FIFA traz detalhes do futebol de forma organizada, ou seja, a quantidade de jogadoras, e a quantidade de mulheres em cargos de liderança como árbitras e treinadoras. Todos os dados qualitativos e quantitativos historicamente vem evidenciando um cenário marcado por fatores sociais e justificativas biológicas para deixar as mulheres à margem do futebol no Brasil. Furlan e Santos (2008, p. 36), nesta direção, destacam que “[...] a baixa visibilidade das mulheres contribui para a pouca memória social sobre a presença feminina nos campos de futebol”.

Com esses dados gerais e específicos apresentados em relação à participação das mulheres em práticas esportivas, podemos entender as necessidades de se ter mais estudos e discussões em torno deste tema. No tópico a seguir, trataremos do esporte universitário e como se dão as relações das mulheres com a prática.

2.4 O esporte universitário e a presença feminina

O esporte universitário, no que hoje conhecemos, foi, de acordo com Hillebrand (2007), regulamentado em 1941 pelo Decreto-lei nº 3.617 que instituiu a Confederação Brasileira de Desportos Universitários - CUBE, dando origem às Associações Atléticas Acadêmicas.

Por meio destas Atléticas, entidades que organizam eventos, jogos, gincanas, festas e competições, diversas modalidades têm seus pares, ou seja, mulheres e homens treinando e competindo, com treinadores/treinadoras e diversos atletas veteranos e/ou novatos que chegam todo ano. Até o início de 2019 na Universidade Estadual Paulista (UNESP) do campus de Bauru, modalidades como Tênis Campo, Tênis de Mesa, Natação, Vôlei, Handebol, Basquete e Futsal tinham equipes femininas e masculinas treinando e competindo. No entanto, a equipe de Futebol era a única modalidade na qual só os homens treinavam para as competições, sem que houvesse uma equipe feminina.

Em pesquisa realizada com universitárias que integraram a equipe de futsal feminino da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Stevaux e Rodrigues (2008) tinham por objetivo entender como as questões de gênero eram vivenciadas e trabalhadas dentro da equipe. O relato de uma das universitárias, em determinado jogo, disse que um torcedor colocou em questão a sexualidade de quem jogava, direcionando-se às jogadoras e gritando: “Sapata!”. Este torcedor recebeu a seguinte resposta de uma das jogadoras: “Sou mesmo e daí!”. Outro relato menciona a busca do treinador da equipe por patrocínios e, em conversa com um possível patrocinador, lhe foi perguntado: “Mas é para um time feminino-feminino ou feminino-masculino?” (STEVAUX; RODRIGUES 2008, p. 2165).

Percebemos nesses dois tipos de comentário que a sexualidade das atletas está sempre sendo colocada à prova. No segundo caso, nem ao menos se quer saber os objetivos da equipe, revelando um interesse maior pela orientação sexual das mulheres que compunham a equipe. Este tipo de ideologia vai ao encontro com estereótipos de que mulheres que praticam esportes denominados como dos homens, sejam consideradas masculinas (MOURA *et al.* citados por GOELLNER, 2020). Ainda no mesmo estudo, mas saindo da quadra e indo para o gramado, os autores contextualizam que na cidade em questão havia um time de futebol de campo feminino, o que poderia ser um meio de incentivo para que mais mulheres praticassem, tanto no ensino básico como no superior, e até mesmo a universidade tendo um bom número de estudantes mulheres, apesar disso a modalidade não tinha como ser desenvolvida pela insuficiência no número de atletas (STEVAUX; RODRIGUES 2008, p. 2162).

Hillebrand (2007) buscou entender o que influenciou a qualidade de vida de mulheres universitárias a partir de sua prática esportiva, e coloca o apoio familiar das universitárias como um fator fundamental, sendo um facilitador do acesso à prática esportiva e ao desenvolvimento de habilidades que o esporte em questão pede. No entanto, o apoio familiar não foi o mesmo para todos os esportes observados pela autora. Para tanto, às universitárias que praticavam o vôlei, handebol e basquete mencionaram que o apoio familiar era positivo, principalmente dos pais. Já para aquelas que praticaram o futsal, foi relatado que havia a falta do apoio dos pais por carregarem o preconceito de que a modalidade às “masculinizassem” (HILLEBRAND, 2007).

Observando estes dados, podemos entender que existe uma seletividade de apoio com relação ao esporte praticado pelas universitárias, sendo o futsal considerado um esporte que às tornariam “machonas”, “marias homens” e demais identificações pejorativas (FURLAN; SANTOS, 2008; SOUZA JUNIOR, 2013; GOELLNER, 2020). Esta falta de apoio social e familiar é reconhecida como uma dificuldade apontada pelas jogadoras, alimentando uma roda de exclusões como: falta de apoios financeiro, ausência de campeonatos, dentre outros (HILLEBRAND, 2007).

O primeiro contato a partir de brincadeiras ou jogos que mais tarde podem direcionar a escolha e permanência em um ou mais esportes foi relatado pelas universitárias na pesquisa de Hillebrand (2007, p. 63). Neste contexto, a escola representou a maior porcentagem desse primeiro contato com um esporte por parte das universitárias. Trata-se, de acordo com Altmann (2015, p. 35), de um período que pode ser considerado: “Para muitas crianças, ao término da infância e da adolescência, essa terá sido a única oportunidade de uma prática esportiva orientada e sistematizada”. Zeferino (2010) ao analisar a trajetória de universitárias com o esporte na década de 1970, identificou a escola como ponto de partida e a universidade como continuidade.

O gosto pela prática esportiva surge na infância através das brincadeiras adjetivadas como masculinas, ganha força nas aulas de Educação Física, mais especificamente, na prática de voleibol na escola. (ZEFERINO, 2010, p. 42)

Comparando os estudos, a escola é um eixo comum que está presente na vida das universitárias, sendo que o ensino fundamental e médio tornam-se referências para o caminho esportivo universitário (ZEFERINO, 2010). A autora também conclui que a rua aparece como outro ambiente influenciador e desenvolvedor de habilidades, com jogos e brincadeiras sem a necessária supervisão de adultos. No entanto, a figura paterna é vista como reguladora dessa prática esportiva, seja ela na rua de forma “livre” ou em clubes e associações antes mesmo das mulheres entrevistadas entrarem na universidade (ZEFERINO, 2010).

De acordo com a pesquisa de Zeferino (2010), a permanência no meio esportivo, por parte das universitárias, se deu pela escolha na formação do curso

superior em Educação Física, mas acabou gerando ideias de “[...] desaprovação do curso de Educação Física pelos familiares, ora fundamentada na desvalorização do curso, ora na masculinização dos corpos femininos” e “[...] autorização e incentivo da família desde que em esportes ‘femininos’” (ZEFERINO, 2010, p. 46-47). Com tais cerceamentos, notamos que não há plena liberdade de escolha e um constante direcionamento imposto às mulheres universitárias:

A desvalorização do curso de Educação Física pelos familiares, amigos e estudantes de outros cursos aparece em todas as narrativas, inclusive naquelas em que as entrevistadas optaram por outra formação superior, pois Educação Física era considerada sinônimo de esportes. (ZEFERINO, 2010, p. 48)

Como o curso de graduação em Educação Física é visto por muitos como sinônimo de esportes, a sexualidade ganha relevo, daí o uso da lógica de que a continuidade da prática esportiva só seria autorizada em esportes considerados femininos, ou seja, atividades que não ferissem a feminilidade (MOURÃO, 2000; GOELLNER, 2005; FURLAN; SANTOS, 2008).

Adentrando o ambiente universitário, Zeferino (2010) coloca que a participação de universitárias, em seu estudo, se deu pela vigência ideológica da época, relegando aos homens os esportes e para as mulheres a ginástica (ZEFERINO, 2010, p. 72). Tais achados corroboram com a representação social na qual as mulheres são frágeis e aos homens são viris (KESSLER, 2012). Em decorrência disto, os ambientes esportivos direcionados às mulheres estavam restritos à natação e ao vôlei, porém, mesmo com esses espaços designados, o atletismo se mostrou um eixo fundamental para a entrada das mulheres no esporte universitário (ZEFERINO, 2010).

O acesso e permanência de universitárias no esporte, foi uma questão de lenta infiltração no que foi considerado ambiente masculino, e aí está uma das dificuldades vivenciadas. Hillebrand (2007) nos traz que, independente da modalidade esportiva preferida pelas universitárias, existe uma unanimidade em relação às principais dificuldades encontradas, sendo elas: a ausência de apoio da universidade em relação ao corpo técnico, no que diz respeito à materiais, horários de treino e profissionais capacitados para às funções; assim como a

falta de suporte financeiro para a participação em campeonatos e bolsas de estudos para as atletas (HILLEBRAND, 2007).

Este capítulo nos deu um panorama de como vem sendo constituídos (ou destituídos) os espaços de participações esportivas de mulheres na universidade, abrangendo estudos que buscaram compreender a trajetória de vida até o ambiente acadêmico, bem como entrevistas com universitárias que refletem sobre os esportes nos cursos superiores.

No capítulo a seguir será exposta a trajetória metodológica da nossa pesquisa.

CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo abordaremos as bases metodológicas que balizaram desde a concepção desta investigação até a coleta dos dados, o cenário das participantes no estudo e os modos de análise dos dados.

3.1 Aspectos gerais

O trabalho teve abordagem metodológica na pesquisa qualitativa, que é entendida por Minayo (1994) como aquela que dá significados aos valores, crenças e atitudes, não podendo ser quantificado. Este tipo de pesquisa busca compreender os sentidos e significados atribuídos por seus participantes, considerando suas experiências sociais em relação ao tema. Minayo (1994) complementa que a pesquisa qualitativa:

[...] coloca como tarefa central das ciências sociais a compreensão da realidade humana vivida socialmente. [...] Os autores que seguem tal corrente não se preocupam em quantificar, mas, sim, em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalham com a vivência, com a experiência [...]. (p. 23-24)

Para Creswell (2010):

Para estudar esse problema, os pesquisadores qualitativos usam uma abordagem qualitativa da investigação [...] O relatório final inclui as vozes dos participantes, a reflexão do pesquisador, uma descrição complexa e interpretação do problema e sua contribuição para a literatura ou um chamado à mudança[...]. (p. 50)

Neste tipo de pesquisa, são encontrados elementos característicos, tais como i) ambiente natural como fonte direta de dados; ii) descrição dos dados coletados; iii) ênfase no processo da pesquisa; iv) análise dos dados de forma indutiva; e v) os significados são importantes para o estudo (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Para Negrine (2004), a pesquisa qualitativa tem como premissa:

A base analógica desse tipo de investigação se centra na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada [...] os métodos de investigação qualitativa pressupõe uma abordagem diferenciada também no que se refere aos instrumentos de coleta de informações. Esses devem ser elaborados dentro de outra perspectiva, que não aquela que serve de modelos matemáticos. (p.61)

3.2 Técnica de coleta de dados

A coleta de dados partiu da escolha pela entrevista semiestruturada. Para Zanella (2013), a entrevista semiestruturada é aquela que

[...] segue um roteiro ou “guia” criado pelo entrevistador, mas sem se prender rigidamente à sequência das perguntas. A conversa segue conforme os depoimentos do entrevistado, sem obedecer rigidamente ao roteiro da entrevista.” (ZANELLA, 2013, p. 115)

Zanella (2013) complementa que, neste tipo de coleta, há preocupação em aproximar-se e conhecer a realidade dos sujeitos que participam da pesquisa, não apropriando-se de dados estatísticos. Para Flick (2009), a entrevista semiestruturada permite ao entrevistador ir além das perguntas estabelecidas, valorizando os saberes diversos dos entrevistados sobre o tema que está sendo estudado.

Em vista do cenário vivido por conta da pandemia de Covid-19 orientando o distanciamento entre as pessoas, as atividades presenciais na universidade, sobretudo aquelas correspondentes às práticas esportivas, foram suspensas de modo a assegurar a saúde das pessoas e a redução do contágio desta doença, isso levou os estudantes a retornarem para suas cidades de origem. Neste sentido, este estudo foi realizado de forma online, utilizando a plataforma do Google Meet para a realização das entrevistas individuais, sendo estas gravadas.

Cada entrevista seguiu os mesmos passos, ou seja: após iniciar a gravação, foi feito a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE) para que a depoente manifestasse oralmente o aceite ou não em participar do estudo. Antes das perguntas específicas sobre o tema da investigação, foram feitas questões para delinear o perfil das participantes, com base nos seguintes itens:

Perfil

- Nome fictício:

- Gênero com o qual se identifica:
- Idade:

Em seguida, foram realizadas as 10 perguntas que nortearam a entrevista, abordando aspectos como trajetória de vida com o futebol, meio acadêmico, esporte universitário, diferenças entre um treinador e uma treinadora, apoio familiar, motivos pela prática e o ponto de vista em relação ao futebol praticado por mulheres no Brasil. O roteiro com as questões segue abaixo:

- De onde veio seu interesse pela prática do futebol? Comente um pouco sobre a sua história pessoal.
- Em que ano você entrou na universidade?
- Como foi seu processo esportivo universitário até a formação da equipe de Futebol?
- Por qual motivo você começou a participar da equipe de futebol da universidade?
- Qual a sensação de participar da primeira equipe de Futebol feminino da universidade? Qual o significado da competição e a final do Inter 2019 para você?
- Como você se vê enquanto uma mulher que pratica futebol na universidade?
- Por se tratar de um esporte praticado por mulheres, você acha que teria diferença se a comissão fosse formada por mulheres? Por que?
- Sua família apoiou/apoia essa sua escolha em praticar Futebol? Comente
- Como você avalia o futebol para as mulheres no Brasil, tanto do ponto de vista profissional, de lazer, na escola, na sociedade e na mídia?
- Há mais alguma coisa sobre o tema que não lhe foi perguntado, mas que você gostaria de falar? Comente

3.3 Participantes do estudo

O quadro 1 traçou o perfil das 9 participantes, sendo elas todas universitárias.

Quadro 1: Perfil das participantes do estudo

Nome fictício	Gênero	Idade
Ana	Feminino	24
Britney	Feminino	29
Bruna	Feminino	22
Daniela	Feminino	24
Gabriela	Feminino	23
Ludmila	Feminino	22
Mariana	Feminino	28
Paula	Feminino	21
Roberta	Feminino	24

Fonte: O autor

3.4 Análise dos dados

A análise de dados partiu do método hermenêutico-dialético que consiste na compreensão das falas dos sujeitos pesquisados proposta por Minayo (citada por GOMES, 2002). Tal análise se orienta pelas seguintes etapas:

- a) ordenação dos dados, momento em que é feito um mapeamento de tudo que foi recolhido no trabalho;
- b) classificação dos dados, que são questionados com fundamentação teórica;
- c) análise final, onde são feitas as ligações dos dados e os referenciais.

Após esses procedimentos foram identificadas as seguintes categorias de análise: 1. Escola e família: o pontapé inicial; 2. Universidade; 3. Legado: marcas históricas; e 4. A visibilidade, é visível?

Tais categorias serão exploradas no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

TRAJETÓRIA ESPORTIVA DAS UNIVERSITÁRIAS

4.1 Escola e Família: o ponta pé inicial

Nesta categoria abordaremos as influências que às universitárias tiveram, de forma direta ou indireta, de familiares, amigos e/ou conhecidos, bem como dos ambientes institucionais por onde passaram e que, de algum modo, contribuíram ou não para o início e manutenção da prática esportiva, em especial do futebol.

Entendemos que estes cenários constituem a base para potencializar ou desencorajar as pessoas nas práticas esportivas, pois matizam as condições dos primeiros contatos com alguma prática esportiva, tendo, portanto, grande responsabilidade na aproximação ou distanciamento das pessoas para com os esportes.

Identificamos nos relatos uma importância atribuída à escola no correspondente ao primeiro contato das universitárias com o esporte.

Eu iniciei na escola, a minha escola tinha o time de handebol, aonde eu iniciei a praticar o handebol no gol. Aí com os campeonatos de handebol que eu fui ter contato com o futsal [...] Mas graças à escola, e porque daí tinha o intervalo, eu jogava com os meninos ali, mas sempre brincando. (MARIANA)

[...] acho que foi no 6º ano eu fui pra uma escola bem legal, Educação Física tinha assim, bastante coisa, era bem o que a gente vê hoje em dia mesmo, era bem variado e tudo, e aí tinha gincana e nessa gincana tinha futebol, e aí eu participava, sempre participava [...] (GABRIELA)

Desde sempre, eu sempre gostei muito de jogar, jogava com a molecada na rua, jogava na escola [...] (LUDMILA)

Bom, acho que desde quando eu era pequena, assim, nos intervalos eu via os meninos jogando ali no pátio da escola, eu sempre gostei de participar [...] (DANIELA)

Os depoimentos mostram um conjunto de experiências prévias com o esporte dentro da escola, o que podemos entender como algo positivo, já que este pode ser o único momento oportuno para prática esportiva das mulheres (ALTMANN, 2015). Porém, podemos perceber na fala de Mariana uma ausência de meninas jogando, visto que a mesma jogava com os meninos. O mesmo

podemos observar na fala de Daniela, que apenas observava os meninos jogando. Encontramos também outras experiências em relação ao esporte no ambiente escolar que parecem, desde cedo, contribuir para alimentar preconceitos e estereótipos.

[...] na escola sofria um pouco mais porque minha professora de Educação Física não gostava muito que eu jogava com meninos, e lá não tinha menina suficiente pra jogar, então a escola foi o lugar que eu menos joguei futebol. (ROBERTA)

[...] eu sempre fui muito apresentada ao futebol...o que me quebrou mesmo foi na escola, né?! Porque cê chega na escola e às coisas não são iguais, né?! Dentro da sua casa, e eu lembro assim, que na escola, a minha professora não deixava...eu não lembro se ela não deixava a gente jogar ou se não tinha meninas o suficiente [...]. (ANA)

[...] até ali no 4º, agora é 5º ano eu jogava na escola, aí eu entrei no Ensino Fundamental II e fui diminuindo a prática, a modalidade foi sumindo pras meninas na Educação Física, então eu fui me afastando um pouco [...]. (LUDMILA)

[...] e aí já passou pro Médio, né?! Pro Ensino Médio, fica mais distante. Mas é isso, a minha experiência assim [...] com o futebol, de antes na escola, no Fundamental tinha bastante, aí depois fui pra escola particular, quebrou um pouco, e aí só fui rever mesmo na faculdade. (GABRIELA)

A partir das falas podemos ver outra visão em relação às vivências escolares. Tal visão vai ao encontro do que Pisani (2020, p. 93) coloca: “É inegável que o futebol praticado por mulheres no Brasil, está inserido em um sistema esportivo marcado por descontinuidades”, ou seja, a partir dos relatos vemos que a prática esportiva foi sendo menos presente na escola pela queda da participação das meninas de forma gradual, conforme foram chegando próximas ao Ensino Médio, sendo que no caso de uma delas, o retorno à prática esportiva só foi retomado no ambiente universitário.

Assim como a rua, a escola também é um dos primeiros ambientes de contato com o esporte, e para sua continuidade, concordamos com Kesller (2020, p. 60) de que “[...] às questões estruturais influenciam na manutenção e desenvolvimento da modalidade”.

Direcionando os olhares para a Educação Física como um dos componentes curriculares, Roberta relatou que sua experiência com a Educação Física foi uma barreira por parte da professora, sendo que este foi o ambiente

em que menos jogou bola. Essa narrativa confirma a defesa feita por Altmann (2015, p. 142):

É responsabilidade da educação física garantir o acesso aos conhecimentos da cultura corporal de movimento e, por estar inserido na escola, esse processo precisa ser garantido a todos estudantes. Assim, há de se ter como perspectiva garantir a transmissão desse conhecimento às novas gerações, reconhecendo diferenças, sem, no entanto, reafirmar desigualdades de gênero presentes em outras esferas estruturais.

Assim como o ambiente escolar se destacou como um dos lugares de contato com os esportes, outro aspecto se mostrou importante, principalmente na motivação, apoio e influência, vindos dos familiares. Mewett, Toffoletti (citados por MARTINS; SILVA, 2020, p. 126) explicam que além do vínculo parentesco, existem “outras três categorias de aproximação [...] pelo aprendizado, pela conversão e pelos parceiros afetivos”. Neste primeiro momento trataremos do vínculo parentesco, o que pode ser observado nas falas a seguir:

A minha mãe joga e ela vem de família de mulheres que jogam, assim... ela nasceu em sítio e aí tinha, tipo na época, time de fazenda que reunia às meninas que jogavam e aí eu sempre cresci acompanhando ela... meu pai também joga, mas eu sempre cresci vendo ela e minhas tias jogando, assim...aí foi meio que automático. (BRITNEY)

Os meus tios sempre me colocavam pra ver futebol com eles quando era pequena [...] (ANA)

[...] sempre via meu pai jogando, e ele me levava pros jogos que ele tinha...E desde que eu me lembro, pequenininha, eu me lembro jogando com os meninos do meu condomínio. (BRUNA)

O contato com o esporte das entrevistadas também teve forte presença da família. Ora por ações ativas de colocar para jogar, ora por assistir ou de se habituar com essa aproximação esportiva na família. Importante deslocarmos o olhar para a fala de Bruna que, mesmo acompanhando e vendo o pai jogar, sua participação era com os meninos. Este último caso parece ter sido o de Britney, que se lembra de sempre ver sua mãe e tias jogando. Os pais também ganharam relevo nas falas das entrevistadas.

[...] eu tive muito, muito, muito apoio assim do pai do meu filho [...] foi bem incrível assim, ele...ele até me deu...eu nem consegui, nem tive a oportunidade de usar, mas ele me deu um meião, uma caneleira,

foi bem incrível assim, ele me apoiava demais mesmo. (GABRIELA)

Vemos que, apesar da escola, para algumas, não ter sido um ambiente de incentivo e influências, os vínculos familiares foram os que fortaleceram o ponta pé inicial no esporte. Após este primeiro contato, a manutenção da prática se configurou como um outro estágio de significativa importância no tocante à participação familiar:

[...] meus pais sempre me apoiaram...muito, muito, muito. Nunca deixaram de me apoiar. Se eu precisava de uma chuteira, se eu precisava e um shorts, se eu precisasse de uma camisa de time, nunca falaram não pra mim...minha mãe só ficava brava quando eu ralasse, se eu machucasse, aí ela ficava brava. (ROBERTA)

[...] sempre fui apoiada, meus pais me levavam e tal...minha mãe assistia, ela me 'corneta', ela fala que eu tô fazendo cagada...por um lado é até meio ruim, mas sempre tive muito apoio, muito suporte assim. (BRITNEY)

Sim, desde sempre assim. Quando eu era pequena eu só ganhava bola né...Mas nunca teve nenhum...acredito assim, se eles soubessem, né?! De locais que eu pudesse treinar, eles tinham me levado assim, sabe?! Eles nunca...nunca foi um tabu eu jogar futebol. (LUDMILA)

[...] minha mãe sempre me apoiou. Ai, minha mãe só ficava preocupada mesmo com lesões e machucados. (ANA)

Interessante deslocar os olhares para alguns aspectos da fala de Roberta e Ana no sentido de que o apoio e incentivo estavam presentes por parte de suas mães, mas de forma vigiada, no que diz respeito às preocupações com relação a machucados. Já para Britney a mãe se transformava em uma torcedora crítica, que além de acompanhar os jogos e fazer elogios, dava broncas também, sendo algo por ela entendido como ruim, em certo momento, mas feliz por sempre estar sendo apoiada.

Finalizando esse bloco de relatos, Ludmila colocou que o apoio familiar sempre existiu, mas acredita que se houvesse um maior conhecimento por parte dos pais sobre locais de treino, ela poderia dar continuidade no aprendizado e desenvolvimento. Isso evidencia que a prática esportiva também requer uma rede de ações, ou seja, com o incentivo da família e/ou da escola também é preciso que haja espaços de lazer para que as meninas possam continuar praticando o futebol.

Outro aspecto destacado nas manifestações orais das entrevistadas foi que o apoio familiar foi se constituindo de forma gradual.

[...] no começo, minha família me apoiava muito porque eu lutava judô. Então eles apoiava muito eu no judô...Mas daí eu comecei também a jogar o futsal junto com o handebol que eles gostavam, mas eles achavam que era aquela coisa mesmo da escola ali, não que eu ia pra essa parte um pouco mais séria, federada, como eu era no judô... Quando eu tava na minha cidade, na minha escola, eu sempre participava de torneios, né?! Que era o dia inteiro jogando no domingo, e eles não gostavam muito porque eu saía de manhã, no domingo de manhã, pegava uma van, pegava um ônibus, que o time passava pegar eu ali, e ficava o dia inteiro na outra cidade, chegava só a noite, tomava banho, comia e no outro dia já ia pra escola, entendeu?! [...] Então em casa eu nunca tive o exemplo de, ah meu pai vai sair jogar bola, não, não teve isso entendeu. [...] Quando eu recebi a proposta de vir pra cá, que ia ter uma seletiva...com as empresária, daí eles fizeram questão de me levar...Então, preconceito da minha família, proibição da minha família eu nunca tive, mas essa questão do apoio foi uma coisa que...gradual, uma coisa que ainda tá crescendo ainda. (MARIANA)

Nossa, minha família sempre me apoiou em tudo, então eu falei pra eles que tava indo nos treinos de futcampo, então, de início foi meio um choque porque, de novo, ...não praticava...Mas eles gostaram muito da ideia, meu irmão super me apoiou, inclusive, os três, né?! Meus pais, meu irmão foram ver os jogos, filmaram [...] Mas nunca foi um estranhamento foi só...estranho no sentido de estarem acostumados a ir me acompanhar nos espetáculos de dança (PAULA)

Nos relatos de Mariana podemos observar um apoio conquistado ao longo do tempo, visto que existia um apoio maior em relação a outra prática esportiva (judô) e apenas ao fazer parte de uma seletiva para fora do país que se teve o apoio, podendo ser entendido como uma forma gradativa de conquista, aspecto semelhante ao que constatou Mourão (2000). Já no relato de Paula, vemos uma reação diferente, pois seus familiares a apoiavam em tudo, mas de início foi um choque, pois estavam mais acostumados a ir em espetáculos de dança que ela se apresentava. Tal choque por parte dos familiares em vê-la presente em outro esporte, tem relação com o que Furlan e Santos (2008) apontam, ou seja, a partir da baixa visibilidade das mulheres em esportes, sobretudo no futebol, isso ainda traz associação com a fragilidade feminina.

Mesmo algumas entrevistadas tendo esse apoio de forma gradual, outras duas apresentaram situações diferentes em relação ao apoio:

Então eu acho que...quando era pequena, eles não me matricularam na escolinha, faziam comentários tipo machistas assim, mas pelo lado da família só, faziam comentários machistas, tipo assim: 'ah vai jogar

com menino, só vai ter menino, porque você vai jogar?’ é... ‘Não vai’ e tals, mas eu acho que algo muito que era na...que foi construído na nossa sociedade e tals. E tem membros da minha família que são bem mais velhos, tem quase 70 anos tipo então, acho que ainda pegou uma época mais ainda, né?! ...já quando eu vim jogar na universidade, de lá de quando eu era pequena pra universidade aí já passou tipo, 15, 16 anos, mais ou menos, eu vejo essa mudança de pensamento, porque quando eu falei que tava fazendo, e eu mandava às fotos tal, todo mundo no grupo da família falava ‘ai que legal Mamá, puxou ao avô’ porque meu avô foi jogador de futebol né ‘ah puxou o avô e tals’...Então tipo eu via que tinha...achavam legal eu estar jogando...eu senti essa diferença de épocas assim, dessa evolução de um esporte ser visto com outros olhos, né?! Não com olhar preconceituoso. (DANIELA)

[...] eu já, conversando assim, eu já percebi que naquela época não me falavam, mas talvez eles não gostassem que eu jogasse, que eu jogasse, algo do tipo. Então...não foi algo que falaram diretamente, mas que por preconceito mesmo assim e criação eles entendiam que isso poderia me influenciar em relação a sexualidade. (BRUNA)

Em ambos os relatos podemos identificar o preconceito em jogar, sendo o de Daniela algo mais direto, no sentido de familiares proferirem frases, mas que, com o passar do tempo, ela reconheceu uma mudança de épocas que resultou numa aceitação e melhor reconhecimento de sua prática de futebol. Já o relato de Bruna foi um preconceito de forma velada, pois disse que percebia nas entrelinhas que o pensamento dos familiares era de que a prática do futebol poderia moldar sua sexualidade. A narrativa de Bruna vai ao encontro do que apontam Moura *et al.* (2010, p. 3): “[...] a decisão de ingressar nestas práticas trazia consigo uma série de rotulações”. Abrindo um parênteses em relação aos apoios, não podemos de deixar de expor o relato de Ana que também se alinha às questões sobre sexualidade, mas dentro do ambiente escolar:

[...] teve todo o estigma da sapatão né, que tipo a gente era Maria sapatona, e no fim, né?! Fazer o que? Eu sou sapata mesmo, paciência! Mas na época, era muito pesado porque se a gente parar pra pensar em 2000 e...tira 13 anos de 2021...2007, 2008...o estigma LGBT era muito pior do que é hoje, né?! E ainda cê tá falando de crianças, então às crianças por mais que a gente sabe que a criança ela... tem essa parte da sexualidade da orientação sexual e tudo mais, são crianças que tão sendo apontadas ali por uma escolha... (ANA)

Sobre os dois últimos relatos, Kesller (2020, p. 52) corrobora pontuando que:

Por mais que se tente fugir da temática gênero, dentro do esporte, invariavelmente são realizadas comparações e questionamentos sobre aparência e atitudes de mulheres nesta arena esportiva.

Pudemos observar que, entre as universitárias, a escola e a família ser revelaram como oportunidades/ incentivadores das experiências primeiras com o esporte. Igualmente, nestes mesmo campos, foram expressas situações de preconceito e estereótipos, destacadamente no âmbito da orientação sexual. Como anunciamos no início desta análise, tratam-se de espaços ambíguos que podem potencializar a prática esportiva, mas também, afastar as pessoas dela.

Portanto, é necessário entender que as influências familiares têm um peso no início e manutenção em determinado esporte, assim como os professores, seja em escolas públicas ou particulares. Compreender que o ambiente educacional, para muitas meninas, pode ser um dos únicos lugares que encontrarão esse acesso, destaca a responsabilidade dessa instituição e o de seus atores.

4.2 A Universidade

[...] na universidade, me surpreendeu, né?! Chegar na universidade, e não ver o time feminino [...] Tanto que, eu não tinha percebido, mas quando eu parei pra...quando eu parei pra entender, eu falei 'nossa mas porque que não tem?'... Eu entendia que a universidade era um dos marcos assim pras pessoas começarem a olhar de outras formas, né?! Quebrar barreiras, e aí... que era engraçado, né?! Porque a gente já tava em 2019 e a barreira não tinha quebrado ainda. (BRUNA)

Nesta categoria abordaremos as percepções das entrevistadas sobre o futebol na universidade.

A frase de Bruna no início, abre a categoria sobre como foi sua entrada na graduação que, em pleno ano de 2019, ainda não tinha a equipe de futebol praticado por mulheres. Associado a este relato, daremos destaque aos depoimentos de Britney e de Mariana em relação ao tempo de graduação de ambas:

[...] quando a gente entra tem o processo de conhecer às pessoas, trote e tal, aí acabei conhecendo as meninas, falei que eu jogava e aí comecei a frequentar os treinos desde 2011. Eu fiquei 8 anos até começar o papo de talvez futebol de campo assim, nunca foi cogitado sabe? Sempre era o futsal (BRITNEY)

Desde 2011 sempre se falava em ter uma equipe de futebol feminino, mas todo mundo pensava 'ah não tem menina o suficiente' até porque

já tinha o time de futsal e, às vezes, não dava menina suficiente nos treinos, foi crescendo devagar. Então pensava, o futebol de campo precisa de mais meninas então, não sabemos se vamos conseguir ter uma equipe (MARIANA)

Ambas entrevistadas deram início na graduação no ano de 2011, e também não encontraram o futebol como uma das opções de modalidade presentes e equivalentes ao masculino, isso as fez adentrar e permanecer jogando na equipe de futsal.

Trouxemos esses três relatos de início pois são vivências diferentes em relação ao futebol de mulheres na universidade, neles temos duas mulheres que passaram por um tempo maior até que se começasse a cogitar a montagem da equipe, demarcando um processo lento de conquista, e outra, ingressando na universidade mais recentemente, que sentiu-se surpresa por não encontrar o futebol para as mulheres na universidade, entendendo o ambiente universitário como o ápice de um olhar igualitário, sem barreiras. Como destaca Mourão (2000), o processo de incorporação do futebol de mulheres passa por um crescimento que pode ser entendido como “lento de infiltração” das mulheres, já que o histórico desse percurso é revelador de um campo ainda em disputa.

Com equipe em formação e o aumento de interesse por parte de demais universitárias, Mariana ressaltou que:

[...] foi tudo uma questão de realmente começar...é tudo uma questão de começar um projeto mesmo. (MARIANA)

O relato de Mariana é revelador do quanto o processo esportivo das universitárias vem se constituindo por um misto de dois extremos, os daquelas que nunca imaginaram jogar futebol e representar seu campus, e os de outras que sempre se viram jogando na universidade. Nos relatos abaixo vamos compreender mais a fundo estes grupos:

O interesse assim muito forte eu nunca tive porque eu sempre achei que nunca fosse pra eu jogar...nunca me imaginei jogando mas era uma vontade minha de saber como funciona (PAULA)

Eu quando entrei na faculdade assim, eu sempre quis fazer parte da Atlético, mais na parte administrativa, sabe?! E...nunca senti interesse por outros esportes, dentro do campus (BRUNA)

[...] eu entrei em 2016 só que tipo eu entrei, eu fiquei muito focada no

meu curso, então eu não lembro se na época existia o Batcum já, né?! Porque eu cheguei, acho no Batcum em 2018, e eu achei assim, incrível, né!? Porque...é um rolê que você já conhece assim uma galera assim de outros cursos...eu acho que meu contato assim, só foi...já foi tardio. (ANA)

A partir do momento que o futebol para as mulheres passou a existir na universidade, os relatos de três entrevistadas revelou a ideia de oportunidade.

[...] eu achei que seria a oportunidade perfeita de juntar essa vontade que eu queria aprender, entender como que funciona, praticar uma atividade física, jogar pela unesp, representar a unesp de Bauru...eu achei que foi a combinação perfeita, e a oportunidade que eu vi que dava entendeu, e conhecer gente nova também. (PAULA)

Então o processo todo acredito que eu me interessei quando eu vi a possibilidade de fazer...um esporte que eu gostava assim né desde criança e que eu entendi e me senti segura pra começar já que tava começando o time né, como todo mundo tava naquela vibe de vamos tentar, eu me senti mais cativada pra...pra realmente me permitir (BRUNA)

[.] a oportunidade do futcampo me reacendeu assim, reacendeu aquela pequena Ana, lá do passado, que queria jogar, que queria participar assim. (ANA)

Sendo assim, a partir da existência e visibilidade da modalidade foi que a participação de outras mulheres, como Paula, Bruna e Ana, puderam se efetivar, Isso se destacou na narrativa de Mariana:

[...] a gente lembra, né?! Que começamos com poucas meninas ali no início do projeto e depois no...até o Inter, vamos dizer, que tinha quase 30 meninas. (MARIANA)

Essa gama de mulheres que foram enchendo o campo durante o ano foi, certamente, consequência dos incentivos de outras mulheres, como poderemos ver nos relatos abaixo:

No começo acabou sendo tipo uma brincadeira né, tipo, tamo ali tals, só que depois...a Luana, acho que me influenciava muito também na questão (BRUNA)

[...] o fato da Thalita estar na minha sala, acabou contribuindo muito assim porque, ela realmente tipo falou 'gente, levanta ai vamo' sabe, e tipo mesmo eu falando 'nossa faz muito tempo que eu não jogo, tenho problema ali, tem problema aqui' ela, 'não, vamo, vamo'. (BRUNA)

[...] tive a grande oportunidade de conhecer a Luana, que sei que é uma mina que batalhou muito pra gente poder também ter participado dessa equipe. (ANA)

Os relatos de Bruna e Ana podem ser entendidos como um reforço por parte de outras mulheres em fortalecer a ocupação dos espaços por tanto tempo buscados. Essa manifestação se alinha ao que aponta Altmann (2015, p. 141), ao dizer que: “A inserção de mulheres no campo esportivo [...], é, antes, mérito individual ou de pequenos coletivos”.

Já para aquelas que sempre estiveram em contato com as modalidades esportivas antes mesmo do futebol entrar em cena, identificamos que:

Eu acho que eu tive muita sorte quando eu entrei lá em 2016...lá no time de futsal as meninas me abraçaram muito, muito mesmo. (ROBERTA)

No segundo ano resolvi ir pro vôlei, era uma coisa que eu gostava mas depois de um certo tempo foi ficando uma coisa meio pesada assim, e aí quando o futebol chegou eu falei ‘nossa é isso’, vestiu certinho, era o que eu precisava assim, era uma coisa que eu queria muito, porque foi um espaço que eu pude realmente fazer uma coisa que eu gostava muito. (LUDMILA)

[...] a primeira coisa que eu fui foi natação então eu já me sentia mais em casa com a modalidade, já sabia o que tinha que fazer já tinha treinado muitos anos da vida, então eu comecei indo na natação. Só que no mesmo dia até tinha o treino de futsal...e comecei a ir também um pouco, só que eu não ia muito assim no primeiro ano eu ia às vezes, enfim...aí é... Em 2018 eu comecei a ir mais. E em 2019 que surgiu né, a oportunidade do time de futebol, então eu achei muito legal também por que como eu sempre gostei, eu vi mais uma oportunidade de mais um dia na semana poder tá jogando, poder tá me divertindo. (DANIELA)

[...] eu já entrei na faculdade com sede de fazer esporte, de fazer alguma coisa assim...aí eu cacei alguma coisa que eu era boa, e eu sabia que eu era boa de correr, então eu já, a primeira coisa que eu fui fazer foi o atletismo, e assim, eu nunca tinha feito atletismo...só que eu queria mais, eu tinha só a faculdade pra fazer, não fazia mais nada, aí que mais que eu procurei? ... Basquete eu caí meio que de paraquedas assim, era um dia que eu tava, eu tava entre aulas assim, horário entre aulas assim lá na quadra, e começou o treino de basquete, estava a olhando, aí o pessoal começou a falar ‘vem, vem treinar!’, aí eu fui e fiquei, assim fiquei. (GABRIELA)

As convergências desses relatos têm centralidade na recepção, por parte das veteranas, que já estavam na equipe, como disse Roberta. Tal achado nos mostra a potência do grupo já presente enquanto influenciador de quem chega. Ludmila relata que com o surgimento do futebol, a vontade já existente em fazer algo que gostava, reacendeu. Nos casos de Daniela e Gabriela, que sempre estiveram ativas na questão esportiva universitária desde o início da graduação,

praticando duas ou mais modalidades simultaneamente, o futebol se apresentou como mais uma oportunidade.

4.3 Legado: marcas históricas

[...] a gente não tem dimensão do que a gente faz até a gente ver pessoas falando (ANA)

Na história do esporte brasileiro, temos as mulheres que foram pioneiras na construção desta trajetória e em suas respectivas modalidades, como Aida dos Santos, única atleta, negra, na delegação brasileira na Olimpíada de Tóquio, realizada em 1946.

Especificamente no futebol, temos mulheres como: Sisleide do Amor Lima, a Sissi, Margarete Maria, a Meg, e Miraildes Maciel Mota, mais conhecida como Formiga, a incansável atleta que participou de 7 Olimpíadas consecutivas. Cada uma jogando, correndo, treinando, competindo e resistindo em suas épocas e tendo em comum o compromisso por abrir portas para outras tantas mulheres que seguem marcando seus lugares na história do cenário esportivo mundial.

De modo semelhante a essa bela história das desbravadoras do futebol brasileiro, na universidade também encontramos pioneiras. Por conta disso, essa categoria de análise dará relevo aos processos de constituição da primeira equipe de futebol na universidade no campus das entrevistadas.

Os relatos destacam a importância desse feito, chamando a atenção para o reconhecimento desta oportunidade para as universitárias.

[...] eu acho que eu falho pra colocar isso em palavras porque é algo muito grande, foi algo que foi batalhado por várias pessoas, por várias mulheres pra existir a modalidade que então era única que não tinha equivalência entre masculino e feminino...é significante pra mim que eu tenho uma tatuagem sobre né...por ter sido a primeira mulher a ser... a levantar a taça do futebol feminino da Unesp, né?! ... O quão lisonjeada eu sinto de ter participado dessa história, que ainda tá em construção...e que isso também sirva para às próximas gerações de atletas de futebol feminino da Unesp pra que elas continuem levando esse legado ai de campeãs. (ROBERTA)

Nossa é histórico, né?! Porque você faz parte do começo de tudo assim, o pontapé tá ali, a galera que realmente deu a cara a tapa, muita gente deu a cara primeiro pra modalidade estar lá no Inter que era uma

das poucas que faltavam, né?! Uma modalidade feminina, se não for a única, muita gente correu atrás disso. (LUDMILA)

[...] nossa é muito emocionante, é muito gratificante é muito histórico, né?! Você pensar que no Brasil, país do futebol que é assim conhecido no mundo inteiro, tipo, não é difundido e não é nada comum mulheres jogando...Então pra mim, é incrível ter feito parte do primeiro time dos primeiros jogos do futcampo feminino no inter, e também sair de lá com uma bolachinha dourada. (PAULA)

[...] a sensação do primeiro foi...foi muito louco, né?! Acho que tudo aquilo que a gente discutia e se motivava ali no vestiário fazia muito sentido, por isso que eu chorava muito, porque tipo...eu tenho muito dentro de mim essa questão de legado e realmente propósito sabe, propósito por algo assim. (BRUNA)

A sensação de ter feito história e gratificação ao deixar um legado no campus, revela o compromisso social com o qual estas universitárias se comprometeram. Martins e Delarmelina (2020) entendem que o futebol vem crescendo como prática de mulheres, o que podemos conferir como uma maior participação delas. As autoras convergem com Koukiadaki e Pearson (citados por MARTINS; DELARMEILINA 2020, p. 179) ao destacarem que: “[...] este é um momento ideal para o desenvolvimento do futebol de mulheres, em função do crescimento da modalidade.”

Os relatos a seguir, seguem alimentando estas percepções por parte das universitárias, reconhecendo o valor desta conquista.

Acabou que eu tava arrepiada, tipo assim, e eu nunca tinha sentido essa sensação antes assim tipo, estar arrepiada depois de tipo uma competição...não era nem competição mas tipo assim um jogo de futsal, uma caída na água na natação, então, eu me sentia arrepiada assim...eu senti realmente como um momento de conquista...uma conquista de todas nós, né?! Fizemos o time de futebol feminino acontecer. (DANIELA)

[...] eu lembro até hoje que eu me arrepiei inteira quando a gente levantou aquela faixa no primeiro jogo do amistoso...eu me arrepiei inteira porque é isso sabe, é você bater na sua peita e falar ‘velho, hoje tem o futebol na Unesp’...mas ter aquela sensação de que...outras minas lá atrás batalharam e a gente pôs em prática, a gente não vai deixar isso morrer, a gente vai brigar até o fim pra essa modalidade não sair. (ANA)

E ser o primeiro time é muita...é muita responsabilidade e ao mesmo tempo é muito...é muito...acho que muita credibilidade também que dá pra todas às meninas que deram a cara a tapa pra ir lá fazer, e mostrar que mulher tá e quer jogar futebol e vai lá e vai pra cima mesmo. (GABRIELA)

Podemos avaliar que existiu um significado maior por parte de estarem colocando em prática aquilo que outras mulheres anteriormente buscaram incansavelmente realizar, firmando-se como modalidade. O que também podemos ver de forma ainda mais intensa nos relatos de Ana e Bruna:

[...] isso pra mim foi uma conquista assim, além de tudo, então eu acho que tipo, talvez a faculdade não teria sido completa se eu não tivesse participado dessa equipe, porque apesar de tudo assim a gente marcou uma geração, porque a partir de agora...existe, ninguém vai tirar essa modalidade da faculdade (ANA)

[...] muitas pessoas quiseram estar aqui assim...mesmo assim foi tão doído, que é como se a gente carregasse a dor de muitas mulheres assim, então, acho que a sensação foi de tipo, vitória, mesmo sendo a primeira, acho que foi de vitória, legado e...propósito, pautando ali o mulher estar aonde ela quiser estar mesmo sabe. (BRUNA)

Todos os relatos expressam uma conquista comum, desejada por um coletivo de mulheres. O depoimento de Ana põe em cena o peso dessa conquista e o quão significativa ela se mostrou para as universitárias que participaram desse processo de construção.

[...] e a gente ser basicamente a pioneira, porque pô a gente foi o primeiro time de uma modalidade na Unesp, pô a Unesp tem 60 anos cara, e a gente foi o primeiro time quase...quase né...60 anos depois, quase 20 anos depois do primeiro Interunesp. (ANA)

Pelos relatos, podemos entender que os significados pessoais, o suporte coletivo, a partilha de emoções e a valorização das mulheres foram eixos que orientaram as ações destas universitárias em prol das mudanças que desejavam. Identificamos um forte sentimento de pertença que as colocam na história do esporte universitário e que fortalece a identidade das mulheres que, entre meio a tantos enfrentamentos, se apresentam como lutadoras e batalham por aquilo que acreditam.

Um dos aspectos abordados nas linhas anteriores, foi o fato do quão importante foi a realização de uma conquista que se somasse a de outras mulheres no cenário esportivo.

Curiosamente, nesta força das mulheres, a gestão da equipe de futebol da universidade era constituída por uma comissão técnica formada por três

homens, sendo o treinador, o auxiliar técnico e o preparador de goleiras. Neste sentido, nos interessou saber como as universitárias viam esse contexto.

[...] em questão de, do trabalho assim, da formação, da capacidade, vejo que poderia também ser uma mulher que não faria diferença...mas eu acho que pelo entendimento do que ocorre assim, sabe, tipo...de como é ser uma mulher no futebol, quais são as barreiras que a gente enfrenta, as dificuldades (BRITNEY)

[...] não sinto um desconforto muito grande com uma comissão masculina mas acredito que, se tivesse ali pelo menos metade da comissão pra iniciar e ser 100% feminina...mas acredito que pra mim me engrandece muito os olhos assim quando eu vejo uma mulher assumindo um time, me passa muito mais...sei lá um envolvimento uma força mesmo assim. (LUDMILA)

Mas eu acho que tendo...se tivesse...não por exemplo, a comissão inteira formada por mulheres, mas se tivesse pelo menos uma, eu acho que ia dar um incentivo maior...acho que se tivesse uma treinadora, algumas falas, alguns conselhos, algumas dicas, poderiam ser mais fáceis...por exemplo, eu vejo...no início do treino às vezes vão falar alguma coisa, numa atividade que a gente vai fazer, algum exercício que a gente vai fazer e ficam dominando a bola eu fico tipo 'Meu Deus, mas eu nunca vou conseguir fazer isso' e aí às vezes tipo, ver uma treinadora que...não sei, não necessariamente tenha experiência em ter jogado no profissional ou alguma coisa do tipo, mas ver uma treinadora mulher assim, daria um ânimo a mais que...disso, de incentivo, de falar 'Meu Deus, eu consigo jogar igual ela' (PAULA)

[...] se tivesse um ambiente com mulheres, talvez eu poderia me sentir, falando como mulher né...talvez eu me sentiria tipo, entro de um time de iguais né, todo mundo ali é igual e eu me sinto mais invulnerável pra...pra comentar coisas né, e tais...e me sinto representada né, tem a questão da representatividade (BRUNA)

Os relatos expressam que, apesar dessa composição, as entrevistadas não se sentiram de todo desconfortáveis, mas não deixaram de destacar que a presença de mulheres na comissão, faria bastante diferença para elas, tanto no entendimento do que sentiam, quanto no reconhecimento da mulher também nos cargos de gestão junto ao futebol.

Nas falas de Paula e Bruna, a presença de uma ou mais mulheres tem a ver com representatividade, o que nos faz concluir que a imagem de alguém igual, se faz importante, tanto que essa imagem nos treinos, falando e executando exercícios, contagia com o incentivo a mais de conseguir fazer o que ela faz. Tais achados se alinham aos de Barreira *et al.* (2020, p. 37) no sentido de que: "Mulheres que atuam como modelos no esporte, tem um papel importante ao influenciar meninas [...]", ou seja, os exemplos de uma mulher

fazendo e explicando se torna um aspecto fundamental para que outras atletas, gestoras, técnicas, sejam levadas a pensar nesse campo também como uma possibilidade de trabalho, uma oportunidade. A exemplo, podemos acompanhar no relato de Mariana que teve a experiência como treinadora e atleta, onde hoje joga. Seu relato é importante por dois motivos, o primeiro deles é pelo fato de ter sido treinadora de um projeto para meninas e o segundo, corresponde à experiência vivida como treinadora para meninos.

[...] eu participei de um projeto de levar o futsal feminino pra escola, pra mostra pra meninas, e muitas menininha se interessaram, e que não tinham tido contato ainda e que a partir do primeiro contato se interessam entendeu, e eu acho que isso é muito importante de tá crescendo muito...Eu sinto que aqui ainda precisa crescer essa parte mesmo de técnica, de primeiro contato, mas que nem aqui nessa cidade que eu tô, é uma cidade grande, e não tinha nenhuma escolinha feminina e a gente começando esse projeto agora e já termos 6 meninas, é algo já, muito importante pra gente (MARIANA)

[...] quando eu treinei os meus meninos, o jeito com que eles me respeitavam, você já...no início, você via que tinha algo já...implantado já nessas crianças de que tinha que ser um treinador homem. E quando aconteceu de passar o ano, e daí trocaram pra ser uma treinadora mulher você via que eles ainda tinham resquícios de como era...como eles foram treinados por um treinador homem, entendeu. Então, tenho certeza que pro crescimento deles, ter treinado com uma treinadora mulher por um ano, foi fundamental porque, eles também começaram a acompanhar o futsal feminino (MARIANA)

Em ambos os depoimentos conseguimos ver o compromisso com o seu papel de mulher num cargo que, geralmente, é reservado aos homens. Na relação com as meninas, enquanto treinadora, notamos a ideia de ter representatividade para elas, tanto na oportunidade como jogadoras quanto, no futuro, na possibilidade de se verem também como treinadoras. Já no trabalho com os meninos, a atenção se deu na desconstrução de um modelo no qual somente homens treinam meninos no futebol. Na relação com os meninos também mostrou-se o trabalho para diluir as referências de que uma mulher não joga futebol ou futsal, além do aspecto de que, conforme passaram a (re)conhecer a participação de mulheres no esporte, começaram a acompanhar a liga de futsal local.

A pouca representatividade das mulheres em cargos de liderança, como o de ser treinadora, leva meninos a não enxergarem que mulheres estão presentes no esporte, mas principalmente em relação às meninas, a não se

aproximarem do esporte por não visualizarem uma possibilidade de estar nesse meio por ver homens nesses cargos (BARREIRA *et al.*, 2020).

[...] no meu segundo ano eu fui treinada por, uma treinadora mulher e uma preparadora mulher, então a comissão técnica era feita por duas mulheres e a gente ganhou o campeonato aquele ano. E foi...foi algo bem interessante porque... não que com os homens, treinador homem isso não aconteça, é obvio que pode acontecer também, só que é um pouco diferente, não sei, parece que tem realmente uma facilidade de conexão (MARIANA)

Essa perspectiva de uma mulher como treinadora também está presente no relato de Gabriela, visto que na universidade ela teve experiências, na mesma modalidade, com treinadores e uma treinadora:

Olha, eu tenho a minha experiência...acho que foi quatro anos que treinei basquete, cada ano foi um técnico diferente...Os dois homens que passaram...eles são diferentes entre eles também, eu já senti diferença...Entre eles já tinham diferença que um era muito calmo, calmo até demais, o outro era muito agitado e dava credibilidade pras meninas que jogavam melhor e deixava às meninas que não jogavam tão bem de lado, isso é muito chato, muito desconfortável...mas ai chegou no último ano que a gente começou a treinar, a Alice voltou e assim, ela deu muita moral, muita credibilidade pra todas as meninas igual, igualmente assim e ela falava com a gente, parecia que era a mesma língua que ela tava falando com a gente, e eu me sentia mais confortável... Eu me sentia mais confortável com ela, me sentia mais à vontade, e sentia que ela tava realmente me dando credibilidade (GABRIELA)

Os relatos aqui apresentados demonstraram a importância de representações nos cargos de liderança, não só no ensino superior, mas no ensino básico também. Os apontamentos de Mariana e Gabriela buscam se sobrepôr e aparecer em maior número em prol da superação de situações vividas por Roberta, Daniela e Ana, ainda presentes no contexto do futebol.

Pra te falar a verdade eu nunca tive técnica ou comissão técnica formada por mulheres, nem por uma mulher. (ROBERTA)

[...] eu não tive outra experiência com treinadoras mulheres...eu acredito por não ter tido experiência com técnicas mulheres eu não posso afirmar com certeza. (DANIELA)

[...] eu não posso te dizer se seria melhor ter uma técnica, porque eu não tive. (ANA)

Essa reflexão sobre a carência de treinadoras nos faz entender as inúmeras resistências e preconceitos que buscam afastar as mulheres desses lugares do esporte e, ao mesmo tempo, aciona um sinal de alerta, não apenas em relação a questão de quantidade, mas em relação a abertura legítima de oportunidades, pois como assinalam Martins e Delarmelina (2020, p. 197) “É importante salientar que crescimento é diferente de desenvolvimento [...]”. Sendo assim, concordamos com Barreira et al. (2020, p. 37), ao apontar que “[...] a inclusão e a visibilidade de atletas, profissionais da comissão técnica e gestoras é fundamental para promover mudanças no cenário esportivo” (BARREIRA *et al.* 2020, p. 37)

Nesta categoria pudemos acompanhar as relações das universitárias com o compromisso em deixar um legado da experiência que vivenciaram ao lutar pela inclusão das mulheres no futebol e da inclusão deste nos jogos da universidade. Além disso, tratou também da importância da representatividade das mulheres nos cargos de gestão junto ao futebol.

4.4 A visibilidade, é visível?

Trataremos nesta categoria de aspectos apresentados pelas universitárias correspondente à apoio midiático (ou ausência dele) para o desenvolvimento do futebol de mulheres na universidade.

Kessler (2020) trata das informações e atenção da mídia tradicional, em relação ao futebol de mulheres, como notas de rodapé e os relatos em seguida apresentaram aspectos sobre essa falta de apoio midiático:

[...] no papel principal de mostrar que a mídia é um meio que as pessoas têm de ver, podem ver que sim, às mulheres sabem jogar bola e às mulheres jogam bola, tem campeonato, tem Copa do Mundo também, tipo, então eu acho que a mídia é uma importante ferramenta...A mídia ela chega com essa forma de até educar, porque por muito tempo foi passado que mulher não joga bola, então a mídia consegue mostrar. (DANIELA)

[...] na mídia eu não ouço falar muito, também não sei porque não sou ligada muito especificamente a parte do esporte né, então é muito raro quando eu vejo falar assim, do futebol que não seja ano de Copa, ou que não seja ano de Olimpíada, né?! (ANA)

Podemos dividir os relatos com base em alguns aspectos. Daniela entende que o papel da mídia é importante para que, não apenas dê atenção em

megaeventos, como exposto por Ana ao falar sobre a Copa e às Olimpíadas, mas que contribua para a educação, ou seja, ser um meio que auxilia na reversão da visão de que mulheres não jogam futebol.

A importância desse aspecto midiático vai ao encontro da fala de Gabriela e Daniela, ao entender que, com a visibilidade, meninas e mulheres poderiam enxergar que sim, existem mulheres jogando, treinando, comandando:

Muitas...acho que muitas mulheres, meninas, crianças talvez conseguissem se descobrir mesmo se existisse mais visibilidade, mais...mais meios pra mostrar o futebol feminino (GABRIELA)

Então tem até uma coisa que bem me lembre que um amigo meu falou na Copa de 2019 que foi a que a Globo...a primeira que a Globo transmitiu né, então meu amigo...ele tem duas irmãs pequenas e aí ele falou assim "nossa minha irmãs falaram 'nossa tem Copa do Mundo de futebol feminina? Não sabia que tinha Copa do Mundo de futebol pra mulheres.'" então tipo assim, elas viram os jogos e nunca tinham visto é tipo, é um exemplo de que elas não sabiam que existiam. A primeira vez que a Copa do Mundo foi transmitida já chegou a isso, então elas já sabem então acho que a mídia é um importante (DANIELA)

Neste sentido, o valor que a mídia tem em elaborar matérias estruturadas sobre o futebol de mulheres, bem como a transmissão de jogos, melhores momentos e gols, corrobora com Kesler (2020, p. 59): "Conforme as partidas começaram a ser televisionadas, percebe-se um aumento do interesse do público pelos jogos praticados por mulheres", como pudemos observar no relato de Daniela em relação das irmãs de seu amigo.

Em contrapartida, com o avanço das redes sociais e comunicações mais facilitadas com o desenvolvimento tecnológico, às mídias independentes vem ganhando cada vez mais espaço, valorizando a busca por informações mais apuradas e detalhadas em relação ao futebol praticado por mulheres e abordando assuntos de jogos, informações de jogadoras, mercado de transferências, análises táticas, treinadoras, etc., o que também auxilia no acesso e ampliação do conhecimento da modalidade com coberturas de ligas e competições mundiais diariamente. Esse tipo de informação é valorizado de tal forma que podemos observar no relato de Ana: "[...] acredito que mídias independentes provavelmente, é o que eu sempre tento buscar né de informação porque eu acho super interessante". Em continuidade ao tema das mídias

independentes, Mariana, que é jogadora profissional fora do país, relatou o que via na liga onde jogava:

A questão midiática vem crescendo muito porque jogos que tão tendo agora essa visibilidade de televisão, no face [facebook] já tem um canal que transmite todos os jogos...Mas, todos os times são obrigados a fazer diretas, a transmitir os jogos aqui, então não é uma coisa tipo, ah vou fazer porque eu quero ou não vou fazer, não, todos os times tem que transmitir, isso na Elite e na série A2. Se o outro clube quiser vim trazer e fazer, pode fazer também, pode fazer os dois, mas a obrigação é do mandante, sempre do time da casa, é obrigado, é obrigado a transmitir (MARIANA)

Num primeiro momento, Mariana valorizou o suporte pela qual a liga obrigava às equipes mandantes a transmitir os jogos em suas redes sociais, ação que pode favorecer o acesso desta prática por parte da população. No entanto, ela também comentou sobre o cenário brasileiro:

[...] no Brasil isso tá começando agora, antes não tinha tanto essa visibilidade, agora que a CBF fez um canal que é a CBF TV, cê entendeu...agora que tá sendo essa visibilidade, antes quando eu vinha pra Itália, eu queria assistir um jogo do Cianorte final do Paranaense, não conseguia, não tinha transmissão, não era uma coisa obrigada (MARIANA)

Goellner e Kessler (2018, p. 37) expõem suas visões em relação à mídia na relação com o futebol de mulheres.

Considerando que a mídia tem um papel fundamental na divulgação do esporte e, conseqüentemente, no incentivo para a sua prática, o pouco espaço, visibilidade e reconhecimento ao futebol praticado por mulheres têm promovido não apenas a marginalização das atletas nesse campo específico, como também a anulação simbólica de suas realizações.

Tendo por base os relatos sobre a mídia, não podemos deixar de salientar que este meio, pelo seu amplo alcance, seja através de rádio, celulares, computadores ou televisões, pode auxiliar no desenvolvimento do futebol de mulheres, com a presença de profissionais, matérias, transmissão de jogos, melhores lances e gols. Tal ferramenta tem um grande poder sobre a visibilidade, o que nos faz concordar com Kessler (2020, p. 60):

O futebol de mulheres, assim como às notas de rodapé, pode seguir sendo ignorado por uma lógica hegemônica que prioriza valores

produtivistas ou pode começar a ser visto pelo público de outra maneira, com a riqueza de todos os seus detalhes.

Na categoria a mídia é entendida como o meio que tem em suas mãos uma grande oportunidade e poder de ajudar na reversão do cenário preconceituoso em relação às mulheres estarem no meio do futebol. É por meio dela que muitas pessoas buscam informações. Entende-se por mídia tradicional aquelas que já estão a tempos como detentoras de grande visibilidade, seja por novelas, filmes, programas e jogos, e vemos que ela está caminhando a passos curtos para uma melhor valorização das mulheres no futebol, o que já podemos observar a nível avançado sobre as mídias independentes, que mesmo não tendo a repercussão e valorização das tradicionais, buscam trazer informações concretas, detalhadas e atualizadas em relação às mulheres em meio esportivo.

O fato curioso é que às pessoas que fazem parte do escopo de tantas páginas independentes em redes sociais como o *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e canais de comunicação como o *YouTube*, produzindo conteúdos ricos em informação sobre o futebol de mulheres, fazem isso por gosto, paixão e amor pela modalidade (ou modalidades), muitas vezes não sendo sua principal fonte de renda, chegando até a não receber um valor econômico por postagens de textos e vídeos.

Neste sentido se faz necessário ter a visibilidade de jogos e matérias sobre equipes e atletas, para que seja exposto cada vez mais o futebol de mulheres, assim como o desenvolvimento e ampliação de mulheres jornalistas a frente de programas esportivos, em debates e/ou jogos ao vivo, como os exemplos de Jordana Araújo, Karine Alves, Natalie Gedra, Renata Silveira, Renata Mendonça, Mariana Spinelli, Isabelly Moraes, Aline Calandrini, Mariana Pereira, Ana Thais Matos, Livia Laranjeira, Gabriela Nolasco, Nathalia Ferrão todas estas em grandes emissoras que falam de esporte, bem como aquelas que fazem parte do universo das mídias independentes como Tathiane Vidal, Victoria Monteiro, Cárila Covas, Amanda Viana, Bruna Porto, Cathia Valentim, Maira Nunes, Giselle Andreolla, Taís Viviane, Raffaella Carolina, Vanessa Nunes, Malu, Amanda Porfirio, Fernanda Gasel. Mariana Santos, Caroline Galvão, Isabelle Galvão, Emília Sosa, Janayna Moradillo, Vitória Soares, Fabiana Sousa. Todas sendo vistas como inspiração para quem assiste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo compreender de que forma o esporte universitário, mais especificamente a prática do futebol, foi se constituindo na vida esportiva das universitárias.

Podemos observar ao longo do estudo que dentro das categorias, os aspectos que envolvem os círculos de amizade, a família, a valorização e sensações de fazerem parte da primeira equipe de futebol de mulheres, foi muito bem abordado pelas entrevistadas.

Na primeira categoria “Escola e Família: o ponta pé inicial” vemos como a escola foi relatada como o principal ambiente que oportuniza a prática esportiva, mas que também se mostrou como um impeditivo para esse contato, sendo este ambiente marcado por uma descontinuidade, e aqui a rua aparece como outro ambiente que oportuniza às vivências esportivas de forma não vigiada, ou seja, com professores. Outro fator envolvido tanto no primeiro contato, quanto na manutenção da prática, é o suporte familiar. Os aspectos familiares vão de apoios diretos e indiretos à conquista gradual deste apoio, assim como a mudança de uma visão estereotipada por parte das entrevistadas estarem praticando, bem como a descoberta com o tempo, de um preconceito velado.

Já na segunda categoria sobre a “Universidade” o que chama a atenção em primeiro momento foi que, mesmo em um ambiente que foi relatado como aquele que tem seu ápice de uma mentalidade mais igualitária, não se tinha a modalidade presente, sendo que a competição de maior foco no ano dos campis, com cerca de mais de 20 anos de existência, estava sem o futebol de mulheres. No entanto, vemos que com o início dos treinos, ainda com poucas universitárias, foi o suficiente para que durante o ano cada vez mais mulheres sentissem a vontade de participar, enxergando a oportunidade de treinar com demais mulheres, veteranas de graduação ou calouras. Na categoria foi vista também a valorização por parte das entrevistadas em relação a outras mulheres que colocaram em pauta a existência do futebol de campo nos campis.

A categoria “Legado: marcas históricas” tem seu início com um relato forte do quão grande foi, não puramente a conquista do primeiro título da equipe, mas o processo anteriormente a isso. As entrevistadas viram-se como pioneiras, como parte de um grupo de mulheres que abriu portas e trilhou um caminho para que, quem chegasse a mais nos treinos, se sentisse como parte do processo e encorajada a tentar. Outro ponto forte em um dos relatos, traz a tona o grande significado que foi a luta das mulheres, anteriormente a formulação das equipes e organização da competição, sendo ele expresso como carregar o peso da dor de muitas outras mulheres.

Em continuidade, foi tratado sobre os cargos de gestão dentro da equipe, sendo ela composta totalmente por homens em sua comissão. Com base nisso, podemos compreender que, mesmo sem ter nos relatos um desconforto em relação a isso, às universitárias não deixaram de expressar a importância que foi a falta de uma, duas ou a comissão formada por mulheres, no sentido de sentirem-se mais representadas, ou ter uma semelhante a frente para tomá-la como incentivo. A valorização e importância no cargo de liderança como o de técnica, é muito bem entendido no relato de uma das universitárias que teve essa experiência tanto com meninas, que a tiveram como exemplo e incentivo, tanto para com os meninos que passaram a enxergar que as mulheres estão presentes no futebol e no futsal, bem como passaram a ir nos jogos locais do futsal de mulheres.

Na última categoria, “A visibilidade, é visível?” tem-se nos relatos a discussão sobre se de fato a mídia dá a devida atenção ao futebol de mulheres e vimos que ela tem um importante papel na divulgação de informações. Com isso, a mídia tradicional, quando transmitiu a Copa do Mundo, não só os jogos da seleção brasileira, mas das demais também, teve repercussão, como foi o caso de irmãs do amigo de uma das universitárias. No entanto, também vemos que através da união de pessoas na criação de páginas voltadas para as mulheres no esporte, em que por vezes não recebem por isso, temos conteúdos completos e de qualidade no que são chamadas de mídias independentes. Estas que publicam vídeos, textos, podcasts e discussões diariamente ou pré e pós jogos sobre tudo que envolve as mulheres no esporte.

Com base nos relatos, o estudo revelou como foram as consequências do primeiro contato com o futebol e o futsal. Houveram contatos positivos na

trajetória esportiva das universitárias, revelando que o apoio familiar e a oportunidade de jogar, foi fundamental, e ficaram marcadas em suas trajetórias. No entanto, houveram também as consequências negativas, advindas da falta de ambientes propícios para a prática, tais como o ambiente escolar, ou o oferecimento de locais de treino, ou até mesmo a participação em jogos e brincadeiras com bola nos pés em ruas, campinhos e vielas, assim como os preconceitos e estereótipos por parte de familiares, professores ou colegas.

Aquelas que tiveram vivências positivas, mas principalmente aquelas com experiências negativas por querer praticar futebol, o desejo não foi esquecido ao longo do tempo. Assim, passados anos, já adultas, e no ensino superior, o desejo de quando jovens foi conquistado através do coletivo de demais mulheres que também carregaram a dor de muitas outras, o que foi significativo para a sensação de pioneirismo e abertura de portas para gerações futuras.

Tratando-se de futuro, quanto mais visibilidade, notoriedade, valorização e capacitação de mulheres presentes nas televisões com matérias esportivas, seja qual modalidade for, tem seus efeitos para que meninas e mulheres tenham a quem se espelhar.

O estudo nos trouxe bons relatos em que, dialogando com as referências, mostrou vivências em relação à prática do futebol. Na pesquisa, acredito que o número de entrevistadas poderia ser maior, mas no sentido de ir além de apenas um campus, ou seja, buscar demais universitárias que também tiveram, em 2019, a criação do futebol de mulheres.

O objetivo do estudo foi compreender a trajetória das universitárias em relação ao futebol até o ambiente acadêmico, mas um tema interessante despontou dentre alguns relatos, que foi a questão da presença feminina, dentro do esporte, ao longo da vida das entrevistadas. Neste caso, no sentido de poucas terem o contato com professoras, técnicas, auxiliares, preparadoras neste meio, ou seja, em cargos de liderança. Acreditamos que vale a busca por saber mais sobre os cargos de liderança esportiva dentro das universidades.

Em alguns momentos durante as entrevistas, principalmente do meio para o final, as perguntas ficaram de lado para assim entrar em campo o fator surpresa. Surpresa em saber o que foi para todas o ano de 2019, quais as sensações, os significados, às motivações de estarem sempre dispostas a separar um tempo de suas vidas corridas em meio aos estudos acadêmicos,

para treinar. Com o reinício das atividades em 2020, e logo após a paralisação decorrente do afastamento por conta da covid-19, esse contato em saber como foram às relações não se realizou, mas através deste estudo, mesmo que com apenas 9 universitárias, os detalhes dos treinos e o que aquela equipe foi, vai resumidamente de encontro do apresentado em um dos relatos de que, não sabemos de fato os impactos do que fizemos, até que alguém nos conte.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. São Paulo: Cortez, 2015.

BARREIRA, Julia *et al.* Conmebol e o futebol de mulheres: uma análise das estratégias de desenvolvimento (in) existentes na América do Sul. In: MARTINS, Mariana Zuaneti; WENETZ, Ileana (org.). **Futebol de Mulheres do Brasil: Desafios para as Políticas Públicas**. Curitiba: Editora CRV, 2020. p. 29-38.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

CAMARGO, Wagner Xavier; KESSLER, Cláudia Samuel. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. **Horizontes Antropológicos**, v. 23, n. 47, p. 181-225, 2017.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **O Brasil na Copa do Mundo Feminina**: relembre as campanhas da Seleção. CBF, 8 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-feminina/o-brasil-na-copa-do-mundo-feminina-relembre-as-campanhas-da-selecao>>. Acesso em 13 fev. 2022.

CRESWELL, John Ward. **Projeto de pesquisa** [recurso eletrônico]: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução: Magda Lopes; Consultoria, supervisão e revisão técnica: Dirceu da Silva. – 3. Ed. – Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FIFA. **FIFA Women's football member associations survey report**, 2019.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa** [recurso eletrônico]; tradução: Roberto Cataldo Costa; consultoria, supervisão e revisão técnica: Dirceu da Silva – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2009.

FURLAN, Cássia Cristina; SANTOS, Patrícia Lessa dos. **Futebol Feminino e as Barreiras do Sexismo nas Escolas**: reflexões acerca da invisibilidade. *Motrivivência*. Florianópolis, n. 30. 2008. p. 28-43.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Feminismos, mulheres e esportes**: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*, Rio Grande do Sul, v. 13. n. 02, p. 171-196. 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. FUTEBOL DE MULHERES: histórias, memórias e desafios. In: MARTINS, Mariana Zuanetti; WENETZ, Ileana (Org). **Futebol de Mulheres do Brasil: Desafios para as Políticas Públicas**. Curitiba: Editora CRV, 2020. p. 21-28.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, v. 8, n 1, p 85-100. 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 143-151, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. KESSLER, Claudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**. Dossiê Copas do Mundo. São Paulo, n. 117, p. 31-38. 2018.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002. p. 67-80.

GUIMARÃES, Maria. E.C.Radar: a luta e as vitórias do futebol feminino na década de 1980. **Medium**. 11 mar. 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@mariamguimaraes/e-c-radar-a-luta-e-as-vit%C3%B3rias-do-futebol-feminino-na-d%C3%A9cada-de-1980-a57576673cf5>>. Acesso em 13 fev. 2022.

HILLEBRAND, Marinez Domeneghini. **Dando voz às mulheres participantes do esporte universitário: contradições e desafios para a prática esportiva**. 2007. 162 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2007.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Práticas de Esporte e Atividade Física**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100364.pdf>. Acesso em 13 fev. 2022.

KESSLER, Claudia Samuel. **Mais que barbies e ostras: uma etnografia do futebol das mulheres no Brasil e nos Estados Unidos**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 2015.

KESSLER, Claudia Samuel. O FUTEBOL DE MULHERES: notas de rodapé. In: MARTINS, Mariana Zuaneti; WENETZ, Ileana. (Org). **Futebol de Mulheres do Brasil: Desafios para as Políticas Públicas**. Curitiba: Editora CRV, 2020. p. 49-63.

KESSLER, Claudia Samuel. **Se é futebol, é masculino?** Sociologias Plurais. Curitiba, n. 1 - especial, p. 240-254, 2012.

KNIJNIK, José Dorfman; VASCONCELOS, Esdras Guerreiro. Mulheres Na Área No País Do Futebol: Perigo De Gol. In: SIMÕES, Antônio Carlos (org.). **Mulher e Esporte – mitos e verdades**. Barueri, Manole, 2003. p.165-175.

MARTINS, Mariana Zuaneti; BOREL DELARMELINA, Gabriela. Políticas públicas no futebol de mulheres no Brasil: balanço e olhares para o futuro. In: MARTINS, Mariana Zuaneti; WENETZ, Ileana. (org.). **Futebol de Mulheres do Brasil: Desafios para as Políticas Públicas**. Curitiba: Editora CRV, 2020. p 179-197.

MARTINS, Mariana Zuaneti; KERZIA, Railane. Do futebol de mulheres às mulheres no futebol: outras identidades e identificações circulantes nos estádios. In: MARTINS, Mariana Zuaneti; WENETZ, Ileana. (org.). **Futebol de Mulheres do Brasil: Desafios para as Políticas Públicas**. Curitiba: Editora CRV, 2020. p.117-132.

MILLS, John Robert. **Charles Miller: o pai do futebol brasileiro**. São Paulo: Panda Books, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz. GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002. p. 9-29.

MOURA, Diego Luz; BENTO, Gilmara dos Santos; SANTOS, Felix Oliveira dos; LOVISOLO, Hugo. Esporte, mulheres e masculinidades. **Esporte e Sociedade**. Niterói, n. 13, 2009-2010.

MOURÃO, Ludmila. **Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democracia**. Movimento, Rio Grande do Sul, v. 6 . n. 13, p. 5-18. 2000.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva (org.). **A pesquisa Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2004

NEY TERRA. Histórico: 45 anos. **SAADEC**. [2006], Disponível em:<<http://www.saadec.com.br/historia.php>>. Acesso em 13 fev. 2022.

PISANI, Mariane da Silva. Prática de lazer, amadorismo ou profissão? Uma breve análise sobre o futebol praticado por mulheres na cidade de São Paulo. In: MARTINS, Mariana Zuaneti; WENETZ, Ileana (org.). **Futebol de Mulheres do Brasil: Desafios para as Políticas Públicas**. Curitiba: Editora CRV, 2020. p.85-99.

SALVANI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Notoriedade mundial e visibilidade local: o futebol feminino na revista placar na década de 1990. **Sociologias Plurais**. Curitiba, v. 1, n. 1, p. 144-159, 2013.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade**. 2013. 314 p. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; PEREIRA, Mateus Camargo. Futebol como direito e profissão de mulheres: passado, presente e perspectivas de futuro. In: MARTINS, Mariana Zuaneti; WENETZ, Ileana (Org). **Futebol de Mulheres do Brasil: Desafios para as Políticas Públicas**. Curitiba: Editora CRV, 2020. p.65-83

STEVAUX, Ricardo Peixoto; RODRIGUES, Cae. As questões de gênero no futsal feminino. **Anais...** VIII Congresso Nacional de Educação-EDUCERE. III Congresso Ibero-Americano sobre violências nas escolas-CIAVE. Curitiba, 2008.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de Pesquisa**. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração - 2. ed, 2013.

ZEFERINO, Jaqueline Cardoso. **Os caminhos da memória: trajetórias de mulheres no esporte universitário viçosense na década de 1970**. 190 p. 2010. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação Física) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2010.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA CAMPUS DE BAURU
Faculdade de Ciências

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Bauru, _____ de _____ de 2021.

Olá, estamos convidando você para participar da pesquisa intitulada FUTEBOL UNIVERSITÁRIO PRATICADO POR MULHERES: UMA ANÁLISE A PARTIR DO PONTO DE VISTA DELAS. O objetivo deste estudo é analisar a perspectiva esportiva e trajetória de universitárias com o futebol.

Tal estudo será realizado pelo graduando do curso de bacharelado em Educação Física Renan Bispo dos Santos Silva sob orientação da professora Lilian Aparecida Ferreira, ambos do curso de Educação Física da UNESP/Bauru.

Você irá responder perguntas por meio de uma entrevista - realizada individualmente, que envolverão temáticas relacionadas: trajetória de vida com o futebol, meio acadêmico, esporte universitário, diferenças entre um treinador e uma treinadora, apoio familiar, motivos pela prática, seu ponto de vista em relação ao futebol praticado por mulheres no Brasil.

Por conta da pandemia de Covid-19 que ainda exige distanciamento entre as pessoas, a entrevista será realizada virtualmente pelo google meet, sendo gravada para utilização exclusiva do estudo.

Neste encontro online, será realizada a leitura deste termo e sua manifestação, de aceite ou não, será verbal, sendo gravada por audiovisual. Posteriormente, este vídeo será enviado à você por email.

Os riscos da pesquisa estão vinculados a eventuais desconfortos para responder às questões da entrevista. Em caso destas ocorrências, o pesquisador irá oferecer todo o suporte necessário. Para além destes riscos, cumpre destacar que, em virtude das restrições correspondentes ao controle absoluto do ambiente virtual, há limitações para assegurar totalmente a confidencialidade dos dados registrados em audiovisual. Ainda assim, nos comprometemos a fazer o download dos dados coletados para um dispositivo local, apagando todo e qualquer registro de plataforma virtual, ambiente compartilhado ou nuvem, zelando pelo seu arquivamento em local seguro com utilização exclusiva para fins acadêmico-científicos. O mesmo será realizado com o registro da sua manifestação relacionada ao termo de consentimento.

Enquanto benefícios, a sua participação ajudará na compreensão do processo pelo qual meninas e mulheres se identificam ao optarem por praticar Futebol, seja de forma profissional ou por lazer, bem como refletir sobre as barreiras e desafios enfrentados.

Não precisa participar do trabalho se não quiser, é um direito seu. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciado sua participação. Caso seja esse o caso, poderá enviar mensagem aos e-mails xxxxx ou xxxxx bem como aos telefones (xx) xxxxx-xxxx ou (xx) xxxxx-xxxx para a retirada do consentimento. Nesta situação, enviaremos para seu contato a sua resposta de retirada do consentimento do estudo.

Caso você não entenda algo sobre a entrevista, não goste de qualquer situação que identificar ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar tanto o graduando Renan quanto à professora Lilian pelos telefones acima indicados.

Você não receberá nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa, tendo como gasto o uso de sua rede de internet para responder às questões da entrevista.

Em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, será garantida a sua indenização.

Os seus direitos como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações das Resoluções nº 466 de dezembro de 2012 e nº 510 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde que tratam da dignidade humana nas pesquisas científicas.

Eu _____ aceito participar da pesquisa.

Contato do Comitê de Ética da Faculdade de Ciências/UNESP/Bauru
Coordenador: Prof. Dr. Mário Lázaro Camargo
Fone: (14) 3103-9400
E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br